Aveiro, 10 de Março de 1962 * Ano VIII * N.º 385

Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITANIA» R. DE HOMEM CRISTO, 20 — TEL. 23886 — AVEIRO

Uma opinião do

Dr. FRANCISCO RENDEIRO

FRENTE PATRIÓTICA

Em 1580 perdemos a independência, quando se desprezou o conselho dos mais avisados, e foram necessários sessenta anos de cativeiro e de martírio para que os próprios descendentes dos que preferiram o estrangeiro à Pátria deixassem que a voz do sangue abafasse a voz do interesse e os estridores do orgulho.

O povo português encontra-se de novo gravemente e profundamente dividido, os indivíduos separados por ódios insanáveis, os partidos — legais e ilegais — intransigentemente opostos nos seus objectivos e meios de alcançá-los. Por um lado, prega-se nacionalismo exclusivista e propõe-se, para remédio dos seus erros palmares, mais e melhor nacionalismo; por outro, considera-se obsoleto o conceito de Pátria nacional e insiste-se em que deve ser substituído pela subordinação ao imperialismo comunista, isto é, pela satelização de Portugal, prelúdio de idêntico fenómeno ibérico que, depois da prostração da França e da Alemanha, nos ligaria ao Pretório do Kremlin.

O conflito é tão agudo, os ódios tão ferozes, que nem a guerra imposta a Portugal pôde estabelecer tréguas entre os homens e uma concentração voluntária de esforços a ligar as frentes de batalha à retaguarda na determinação de vencer.

No meio da procela está o povo português, no geral, incontaminado, fiel aos sentimentos que reconquistaram a independência em 1385 e 1640, mas desorientado com as propagandas insistentes dos que consideram seus elixires como específico para todos os males nacionais com exclusão de qualquer outra droga. Ora, no fim e ao cabo, é esse povo que tem de acordar para salvar o possível da casa nacional em chamas.

Já não podemos salvar os milhares de vidas inocentes abandonadas aos punhais assassinos; a Índia da nossa epopeia, com sua imortalidade de glória, perdeu-se, excepto para os que aplaudem frenèticamente o crime nehrusiano.

Parecem invertidas as condições políticas que propiciaram o milagre de 1640. Só em Espanha temos amigos. As nações que no século XVII tinham as razões dos seus interesses nacionais e dinásticos para ajudarem a reconquista da nossa independência, voltam-nos as costas, depois de nos con-

Continua na página 2

JORGE MENDES LEAL

OS PORQUINHOS DA ÍNDIA

O leitor, que a toda a hora lamenta os seus próprios azares, ou incansàvelmente persegue uma certa liberdade suspeita, nunca imaginou o que pode ser a vida dum porquinho da Índia numa escola de pesquisas científicas. É uma vida modelar. Cada um movimenta-se exclusivamente dentro da sua gaiola privativa, longe do acesso a doutrinas malsãs. Nada de leituras perniciosas. Nada de cinema atrevido. Nada de teatradas. E, sobretudo, nada de mistura de sexos. Duma banda, devidamente aboletados em aposentos sóbrios e austeros, ficam os machos, entretidos com um inócuo jogo de cartas ou uma partida de dominó; do outro lado, pudibundas e de olho baixo, num recato de tempos idos, encontram-se as fêmeas.

Foi assim que no laboratório da Escola de Patologia Sir William Dunn, de Oxford, se estabeleceu uma sociedade verdadeiramente ideal, autêntico exemplo para este Mundo tão indisciplinado e conflituoso. De facto, os porquinhos, apanhados um tanto ou quanto à falsa fé, viram-se coagidos a suportar certas regras de viver que, num raciocínio a priori, *parecem atropelar os sagrados princípios exarados na Declaração dos Direitos do Porquinho da Índia; mas esse atropelo é apenas aparente, pois, no fundo, nunca os pequenos roedores estiveram tão bem. No Laboratório Dunn, sempre se respirou um am-*

Continua na página 2

JUNTA DISTRITAL de AVEIRO

PLANO DE ACTIVIDADES PARA 1962

Em acção discreta, mas eficiente, norteada pelo elogiável critério de se procurar obter o máximo proveito de uma receita que, normalmente, não permite espectaculares realizações, a Junta Distrital de Aveiro — a que esclarecidamente e devotadamente preside o sr. Dr. António Rodrigues — está a dar gradual e sistemática efectivação ao seu Plano de Actividades aprovado para o decorrente ano e compreende empreendimentos vultuosos, graças às suas receitas extraordinárias provenientes da venda de terreno anexo ao Asilo-Escola Distrital.

Na realidade, foram vendidos em hasta pública, para edificações particulares, cinco lotes de terreno, pela importância de 1 240 625$00, verificando-se, simultâneamente, um aumento de receitas ordinárias que, num Distrito de grande densidade populacional e em fase de crescente impulso de industrialização, tende a acentuar-se nos anos próximos.

A obra de maior importância que a Junta Distrital considerou no presente Plano de Actividades é, fora de dúvida, a construção de um edifício-sede para instalação dos seus serviços, quer administrativos quer técnicos, e se acha computada em 2 500 contos.

No anteprojecto para esse amplo edifício, a implantar na futura Avenida de Portugal, e já provisòriamente aprovado pela Junta Distrital de Aveiro, reserva-se um andar para condigna instalação dos Serviços Técnicos, que vão ser criados, de forma a tornar possível uma completa e permanente assistência às câmaras municipais do Distrito, particularmente àquelas que não podem suportar as elevadas despesas inerentes à manutenção de Serviços Técnicos privativos.

Indo ao encontro dos desejos e da necessidade manifestada pela maioria dos municípios aveirenses, a Junta Distrital deliberou, recentemente, criar a sua repartição técnica, com um Engenheiro-Chefe — lugar que vai ser posto a concurso, e cujo futuro titular estabelecerá a organização dos competentes serviços.

No aludido edifício-sede, que comportará quatro pavimentos, está igualmente previsto um andar para a Direcção de Urbanização do Distrito. Ficando em contacto directo com os engenheiros da Junta Distrital, é óbvio que da estreita ligação de ambos os serviços resultam imensas vantagens, que tornarão mais eficiente a assistência às câmaras municipais.

A Junta Distrital de Aveiro tenciona iniciar ainda este ano a construção da sua futura sede, para o que conta com a necessária comparticipação do Estado.

No que concerne a realizações do campo cultural, a Junta Distrital de Aveiro não poderá dar-lhes satisfação lata antes da projectada construção do seu edifício-sede. Entretanto, e dentro do possível, continuará a prestar auxílio aos diversos institutos culturais existentes no Distrito, nomeadamente o Con-

Continua na página 2

A esquadra dormita e apresta-se para nova faina, por esses mares do Mundo... Aos homens, inda no conchego do lar, começa a tortura da saudade de quem vai partir. Vidas que tràgicamente se quebram em duas metades! Agora serão seis meses de áspera solitude — de duros trabalhos, de mar hostil e gelado. Tudo eles sofrem — olhos postos no dia do regresso, olhos fixos num lenço que se agita e dá as boas vindas, olhos pregados em braços pequeninos que se abrem com ternura, olhos enevoados que mal vêm, um sorriso de mulher diluído em lágrimas de felicidade e amor!

Boa viagem, e feliz arribada, Homens do Mar!

JORGE CALDAS

FRENTE PATRIÓTICA

Continuação da primeira página

fortarem com palavras. De boas palavras está cheio o inferno. Foi o dilúvio de palavras que nos tirou o fôlego com que, outrora, os nossos dirigentes previam e os nossos soldados executavam, com uma valentia, que, mesmo durante o eclipse de 1580-1640, expulsou os franceses e holandeses do Brasil e os últimos de Angola. Muitas dessas palavras têm o gosto sediço do requentado chá de Tolentino.

Estamos quase sós nesta fase da luta, quando, os que deviam estar ao nosso lado, faltam ao seu dever e nem sequer se aperceberam do seu interesse; mas, nem por isso, devemos perder o ânimo. A luta mal começou; quando terminar, estaremos entre os europeus vencedores, porque, por nós, temos as constantes da História, seja qual for a direcção que as forjas da ONU imprimam aos seus «ventos».

E' verdade que a Virgem só ajuda a quem se ajuda, como sabem todos os que tiveram de lutar para vencer na vida; por isso eu me apresto a dar o meu contributo e a lembrar aos compatriotas que não se deixem enganar por loas, pois, verdadeiramente, em causa, estamos nós próprios, as nossas casas, as nossas famílias, as nossas terras, a Nação que moldamos à nossa imagem e semelhança.

Os grandes impérios do passado sempre precederam as suas conquistas de propaganda dissolvente dos costumes dos povos que queriam dominar. Nunca se apresentaram como futuros tiranos, pelo contrário, inculcavam-se como divindades redentoras do erro e do mal. Temos nesse ponto uma experiência de milénios, que deixou na nossa etnia marca indelével, a ponto de nos plasmar em raça de aventureiros e conquistadores. Mas, ao passo que os nossos conquistadores eram nacionalistas absorventes, nós fomos miscegenadores do nosso sangue com o dos povos conquistados. Nisso se encontra a única razão, profunda e válida, da nossa diferenciação da Espanha. Sem essa razão, as questões dinásticas ter-se-iam resolvido, mais tarde ou mais cedo, com a unificação peninsular, e a nossa diferenciação nunca teria evoluído para uma língua e história nacionais que nunca mais cessaram de acentuar-se em várias latitudes.

Portanto, e em primeiro lugar, assentemos nisto:

Portugal começou a ser invertido por um imperialismo nacionalista e expansionista como os que, no passado, nos conquistaram, antes ou depois da independência nacional. A prova dada pela Índia nehrusiana com o apoio da URSS é concludente. Desta vez não restam dúvidas: quis a Índia Portuguesa, os seus minérios, o seu porto de mar, o seu caminho de ferro «com a Carta ou sem a Carta, com Justiça ou sem ela» — disse, e consumou o sonho do que nos custou biliões e quatro séculos de sacrifícios, esforços e canseiras. A pilhagem é o governo dos salteadores. Não disse que desprezava os goeses, mas encarregou disso os seus aviadores que lhes provaram que não passaram de carne de canhão nas ambições nacionalistas, xenófobas, da União Indiana.

O caso de Angola não é diferente. São os mesmos *robertos* manobrados pelo imperialismo soviético, quer se disfarce em missão metodista ou de outras confissões.

Portanto, os portugueses têm de compenetrar-se de que está ameaçada a sua vida e a sua fazenda e de se precaverem contra todos os que lhes apareçam a aplaudir os seus inimigos externos ou a tentar convencê-los de que «são seus amigos, que só querem libertá-los da Ditadura Salazarista.» Fosse esse o mal a vencer, a dificuldade não seria irremediável; porém, os males são outros e muitíssimo mais graves. O que está em causa é o futuro da nacionalidade. Salazar vê-se confrontado na Índia e na África por outros nacionalismos; mas, para além das consequências filosóficas do confronto, há a consequência nacional portuguesa. Isto é evidente a qualquer observador; há, porém, muitos que colocam o seu partidarismo acima do seu portuguesismo e, para esses, Pátria é conceito ultrapassado; por isso, quanto mais extenso e intenso for o derrotismo, tanto melhor.

Já houve tempo em que os monárquicos combatiam a República com a política do «quanto pior melhor»; agora a mesma *consigne* é dirigida contra Portugal.

Fosse outro qualquer no Poder, nesta hora de decisões finais para o futuro de Portugal, e a sua posição não seria melhor do que a de Salazar, porque, o que interessa aos seus adversários conscientes, de obediência comunista, é destroçar a Pátria e o conceito de lar nacional dos portugueses, que implica. E' académico por-se a gente a magicar qual seria a situação portuguesa com outro regime e com outros homens; mas não restam dúvidas de que não foi Salazar quem iniciou a revolução bolchevista de 1917.

Ora tudo parte daquela revolução: portanto, arranjem os jovens turcos de agora outro *slogan*, que, o que utilizam, não passa de casca esvaziada do conteúdo ideológico a sobrenadar as ressacas de Angola e da Índia — sobreprodutos da revolução bolchevista que, com vários nomes, seguiu a I Guerra Mundial, cujo segundo episódio começou em 1939 e está muito longe do fim apocalítico.

A História não se enganará no seu juízo, tão evidentes são as culpas. O desenvolvimento da revolução bolchevista foi promovido pelos alemães para derrotar os russos e não por Marx sobre cuja obra caíra, então, o olvido de um século. Foram os alemães que conduziram à Rússia Lenine — o catalizador do descontentamento do povo russo contra o governo que o conduzira à derrota.

Nessa altura, Salazar era só professor da Universidade de Coimbra e, quando ascendeu a Chefe do Governo, vinte e cinco anos depois já o P. C. estava estruturado em Portugal.

Foram ainda os alemães que, com a Guerra de 1939, acabaram por trazer à Europa a influência comunista russa e por dar-lhe a projecção mundial que, antes, não tinha.

Note-se que, mais uma vez, a Revolução foi conduzida na ponta das espadas. A última vez que isso aconteceu, todos o sabem, foi com a R. F. e os exércitos de Napoleão.

Não o perceberam os americanos nem os ingleses tinham já a força física e moral para impor-lhes a disciplina da razão; daí resultaram todos os males de que sofre o Mundo.

O que falta é expor e demonstrar a chantagem internacional que na ONU e fora dela se move contra Portugal, *disfarçando-a em generosas ideias de autodeterminação dos povos tutelados*, porque, infelizmente, há portugueses que estão ou se fingem conquistados por essas ideias e se arvoram em seus arautos, como se não lhes interessassem os direitos históricos de Portugal resultantes da descoberta e ocupação de territórios que não eram nações ou sequer habitados pelas tribos errantes que, posteriormente, se acolheram à Bandeira Portuguesa,

Conclui na página 5

Continuação da primeira página

biente de paz, de concórdia, de satisfação social.

Às vezes, e até porque uma cobaia não existe para outra coisa, calhava baquear um porquinho nas experiências laboratorais. A comunidade, porém, não protestava, não saía das gaiolas, não tomava o feio caminho da insubordinação. Pelo contrário — invejava ao sacrificado a glória de ter contribuído, abnegadamente e nas mãos dum egrégio sábio, para o progresso da Ciência.

Até que, no último domingo, os jornais trouxeram-nos a surpreendente notícia. Estalara a revolta na Escola William Dunn! Logo compreendemos, mesmo antes de ler o telegrama da A. N. I., que o levantamento das cobaias se devia a factores imprevisíveis, possivelmente surgidos em ordem a uma inspiração exterior. E não nos enganámos. Vindos de fora, quiçá adestrados nas escuras alfurjas londrinas, uns insólitos meliantes haviam assaltado, pela calada da noite, o prestigioso laboratório — pilhando, estragando, destruindo, subvertendo, num frenesi diabólico que nada respeitou. E, então, os porquinhos-machos — tradicionalmente mansos — esqueceram-se das suas obrigações, passaram à Secção Feminina, estupraram com inesperada brutalidade as virginais porquinhas! Um horror!

A Direcção da Escola reuniu apressadamente, ainda no cenário onde se cometera o crime repugnante. Mas a sedição das cobaias, conquanto dominada, deixara vestígios irremediáveis, desencadeara problemas que reclamam uma solução urgente. Prevê-se que, como resultado desse abominável surto de lascívia, torpemente provocado pelos emissários da maldade e do vício, oitocentos porquinhos-bébés venham a nascer no prazo de dois meses. E o laboratório só tem acomodações para quatrocentos animais...

Julgamos que os directores da Escola de Patologia Sir William Dunn lastimam não haver concedido aos porquinhos, na altura precisa, uma relativa liberdade. Porque, de quando em quando, que diabo! — talvez não fosse pior consentir-lhes um pulo ao cabaré, ou uma noitada com espanholas, ou um flirt baboso à sombra do gaiolame...

Assim se teria evitado que, de súbito, caísse sobre as pobres porquinhas-donzelas tanto desejo represo!...

Jorge Mendes Leal

JUNTA DISTRITAL DE AVEIRO

Continuação da primeira página

servatório Regional de Aveiro, a Academia de Música de Santa Maria, da Vila da Feira, e a Academia de Música de Espinho.

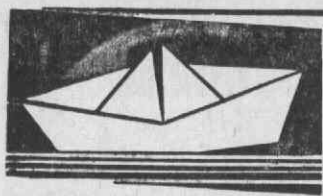
No capítulo da assistência — aquele que maior atenção e maior carinho concita à Junta Distrital —, prosseguirão os esforços já envidados no sentido de se alargar a actividade actual, criando-se os estabelecimentos que se afigurem mais necessários em diferentes concelhos. Ao mesmo tempo, dedicará a Junta Distrital o maior interesse ao aumento de frequência das obras assistenciais já existentes (Casas da Criança de A'gueda, Albergaria-a-Velha e Mealhada e Asilo-Escola Distrital de Aveiro), por forma a ser beneficiado e protegido um maior número de necessitados.

Particularmente no que respeita ao Asilo-Escola, que presentemente acolhe 80 rapazes, dos 7 aos 17 anos, de todos os concelhos do Distrito, pensa-se em elevar aquele número para 100, além se melhorarem as suas condições de instalação e funcionamento, de se proceder a pequenas obras de reparação e de se promover o restabelecimento da sua extinta Banda de Música e de se criar uma escola primária privativa.

A construção de um novo edifício para esta instituição, muito louvàvelmente reintegrada na sua tradição e importância, continua a ser um dos grandes anseios e uma das grandes preocupações da Junta Distrital de Aveiro, que, para esse fim, solicitará novamente as imprescindíveis comparticipações dos ministérios das Obras Públicas e da Saúde e Assistência Social. A despesa com a aludida edificação tem inscrita, no orçamento de 1962, a importância de 500 contos.

Embora para data posterior à realização destas importantes obras, pensa ainda a Junta Distrital de Aveiro na reconstrução e na remodelação do edifício que pertenceu à família Magalhães Lima, na Rua do Carmo, e onde têm estado instalados diferentes serviços públicos. Nesse prédio virão a ser futuramente instalados:

— o Arquivo Distrital, velha e justíssima aspiração regional, que tornaria possível o regresso de muitos documentos, que, há anos, e com fundo mágoa dos aveirenses, daqui saíram, possibilitando ainda a reunião de muitos outros documentos, actualmente em quase impossíveis condições de consulta útil, por andarem dispersos e correrem, por isso, inclusivamente o risco de se perderem;

— e um Museu Etnográfico, de carácter distrital, que, pela sua variedade e riqueza de elementos, poderia ser, indubitàvelmente, dos mais atraentes e importantes do País.

BARCOS de PAPEL

SECÇÃO DIRIGIDA POR CARLA

Máquina para sandwiches quentes

A juntar às muitas máquinas distribuidoras de alimentos, apareceu em Inglaterra mais outra que entrega os sandwiches quentes ou frias, à vontade do freguês. A máquina tem em depósito das fatias de pão com presunto, fiambre, carne, queijo, etc devidamente embrulhadas em papel celofane e armazenadas num armário com a temperatura constante de 6 graus centígrados, temperatura ideal para a sua conservação durante uns cinco ou seis dias. Para se tirar uma sandwich fria, basta meter a moeda e carregar um botão. Para se tirar uma quente, carrega-se outro botão que a fez passar por um forno com raios infra-vermelhos que a aquece em 29 segundos. Podem ser tiradas levemente quentes ou até ligeiramente torradas conforme o tempo que estiverem expostas ao aquecimento.

Máquinas para embrulhar garrafas

A embalagem em papel celofane dá melhor aspecto à garrafa, defende o rótulo que, por isso, não se estraga e fica sempre legível e, ao mesmo tempo, evita que a garrafa possa ser aberta com o intuito de mixórdia ou adulteração do líquido, se a tampa for de fácil remoção.

A máquina — mais uma realização da indústria britânica — aplica uma cobertura de papel transparente à garrafa, encimado por uma torcedura que não se desfaz o que terá de ser rasgada para se abrir a garrafa.

As garrafas prèviamente humedecidas são colocadas numa carreta de corrente com rolos que as fazem girar com movimento de rotação; à medida que giram, o papel desprende-se dum rolo, toma a forma de tubo e envolve a garrafa, enroscando-se no topo. Depois, a garrafa, sempre em posição vertical, passa para transportadora de movimento lento onde é borrifada com uma mistura que cola as extremidades do papel e o aperto de forma a apresentar uma superfície lisa, ao secar.

A máquina pode fazer a embalagem de 40 a 60 a garrafas, por minuto, conforme o seu tamanho.

Pneus ferrados para carros de corrida

Para evitar que escorreguem sobre a neve ou sobre o gelo, um fabricante britânico de pneus, apresentou pneus ferrados com cerca de 40 botões metálicos distribuídos pela superfície de cada um de forma que cinco botões estão sempre em contacto com a estrada. Cada botão tem uma ponteira de carboneto de tungsténio que penetra no gelo e permite que a roda se agarre ao chão. Os pneus aguentam rodar de cinco a seis mil milhas. Muitos dos concorrentes as corridas de Monte Carlo e do Canadá já têm pneus forrados adaptados aos seus carros. Os condutores de Monte Carlo colocaram quatro destes pneus em cada carro pois verificam que não só os carros se agarram melhor como também se torna mais fácil conduzi-los sobre o gelo.

O fabricante recomenda que estes pneus só devem ser usados por pessoas experientes e com grande prática do volante.

Camurça sintética

Terminaram com bom resultado os estudos feitos em Inglaterra para a produção de camurça sintética obtida com algodão e borracha sintética.

Já existe até em Manchester uma fábrica que entrega este produto a um quarto de preço da camurça verdadeira, com a vantagem do novo produto ter maior duração e facilitar o trabalho de limpeza normalmente feito com a camurça. Pode ser utilizado com detergentes e até com lixas finas; pode ser fervido; conserva-se nacio, quando seco; não racha e não ganha mau cheiro. Parece ser, pois, a camurça ideal para limpeza de espelhos, janelas, automóveis, pratas, etc..

«Piezoelectrics»

O nome poderá parecer estranho mas os objectos com esse nome, dentro de pouco tempo, serão conhecidos.

Trata-se de uma descoberta britânica com substâncias cristalinas que, quando apertadas ou torcidos, prôduzem electricidade e que já estão a ser experimentadas nos hospitais, nas casas e na estrada.

Para uso hospitalar e com o fim de registar as pulsações do coração, à distância, preparou-se um dispositivo semelhante à correia dum relógio de pulso, contendo esses cristais, a qual, depois de colocada no pulso do doente, transforma as suas pulsações em sinais eléctricos que podem ser registados num mostrador ou ouvidos pelo auscultador que a enfermeira, o cirurgião ou o condutor de ambulância trouxer colocado sobre a cabeça, permitindo que vigie permanentemente o doente e seu cargo. A piezoelectricidade ou seja a prioridade de certos cristais, como a turmalina e o quartzo, de produzirem electricidade por efeito de pressão exercida sobre lâminas talhadas convenientemente, é também utilizada pela mesma firma britânica num outro dispositivo delineado por um médico londrino para o tratamento de doenças profundas no corpo humano. Este dispositivo utiliza a propriedade da conversão de pulsações eléctricas em vibrações geradoras dum feixe de raios de sons convergentes. Este pode ser focado por meio de lentes, por exemplo, num ponto no interior da cabeça para a destruição de tecidos, no caso de doenças de Parkinson ou de Meniere. Já se obtiveram bons resultados com estas aplicações. Os piezoelectricos, já utilizados nos cristais dos

Continua na página 9

Novo remédio contra a VARÍOLA

Parece que ainda não está debelada a grave epidemia de varíola que surgiu no Paquistão, sobretudo em Karachi, onde se registaram algumas centenas de óbitos. Houve o perigo de que pessoas provenientes daquele país espalhassem a epidemia na Europa. Com efeito, nalguns países europeus surgiram casos de varíola, tendo sido possível constatar que ou se tratava de indivíduos provenientes do Paquistão ou contagiados por eles.

Em Inglaterra entraram, durante o mês de Dezembro do ano findo, pelo menos, quatro indivíduos provenientes do Paquistão os quais eram portadores da doença; e, pelo menos três dentre eles, contaminaram outras pessoas que foram hospitalizadas.

A vacinação voluntária

Quais são os métodos existentes actualmente para combater essa terrível doença? A medida mais eficaz é, evidentemente, a vacinação. Na Grã-Bretanha a vacinação era obrigatória desde 1853, mas como a doença estava em vias de desaparecer as pessoas tornaram-se negligentes e, a pouco e pouco, a lei deixou de ser aplicada. As estatísticas indicaram que, em 1940, tinham sido vacinadas contra a varíola apenas um terço das crianças de menos de um ano. Em 1948, a vacinação deixou de ser obrigatória.

Entretanto, em 1952 e em 1953, voltaram a aparecer casos de varíola e o número de vacinações voluntárias aumentou tendo sido vacinadas cerca de 40% das crianças. Esta percentagem tem-se mantido sensivelmente até agora e é interessante notar que é superior ao período de 1940 quando, por lei, a vacinação ainda era obrigatória. No entanto, uma percentagem inferior a 50% da

Continua na página 9

Páginas da Segunda Grande Guerra

Uma vitória de Von Rommel

POR CUNHA REDONDO

DESERTO da Líbia, Maio de 1942... Depois de cerca de um ano de luta violenta, em que a vitória decisiva não sorriu a nenhum dos beligerantes, as operações ofensivas tinham pràticamente cessado. Ambos os contendores preparavam-se para pôr em jogo todos os seus trunfos e, numa cartada, esmagarem o seu adversário.

Dum lado, encontrava-se o VIII Exército Britânico, apoiado por importantes formações de franceses livres, neo-zelandeses, indiános, australianos e sul-africanos. Era seu comandante supremo o General Auchinleck.

Do outro lado, as tropas do Eixo, constituídas pelo Afrika Korps alemão e algumas divisões italianas, sob o comando do General Von Rommel.

Superioridade dos ingleses e seus aliados — em quantidade, não em qualidade — em homens e equipamento, incluindo tanques e canhões.

Superioridade dos alemães no comando e em mobilidade.

Esplêndidos soldados em ambas as fracções, embora o élan do soldado alemão do Afrika Korps fosse superior a todos os outros. Esta vantagem era atenuada pelo facto de os italianos possuírem escassa vontade de combater e o seu armamento ser deficiente.

Forças aéreas pràticamente equilibradas, embora já se no fosse uma ligeira superioridade da R. A. F..

Evidentemente que esta situação de relativa inactividade não se podia prolongar. E, assim, a partir das 14 horas de 26 de Maio, o deserto ficou novamente em chamas. Von Rommel atacava...

Após alguns êxitos iniciais em que os Aliados sofreram pesadas perdas (a 3.ª Brigada Motorizada Indiana foi quase totalmente eliminada e a 7.ª Divisão Blindada ficou sèriamente abalada com as tremendas perdas sofridas) o ataque alemão malogrou-se. Este malogro ficou-se a dever, em parte, à abundante artilharia britânica e, principalmente, às divisões blindadas inglesas que, reforçadas com um novo tipo de tanque (o «General Grant») equipado com um canhão de 75 mm, causaram pesadas baixas aos tanques alemães e italianos.

Fracassado este ataque, os Aliados por sua vez tomaram a ofensiva. Poderosas formações de tanques e de canhões auto-transportados partiam a toda a velocidade numa tentativa de flanquear, separar e destruir as forças do Eixo.

Com campos de minas na sua linha de retirada e com a importante e poderosa fortaleza de Bir Hackeim a dificultar os abastecimentos, a situação tornou-se crítica para as forças germano-italianas. Bir Hackein tinha de ser conquistada. Após dez dias duma das mais violentas lutas do deserto, a guarnição francesa que a defendia teve de ceder, depois de uma resistência heróica.

Mas as consequências da derrota foram desastrosas para os ingleses. Numa tentativa para salvar a situação, o grosso dos tanques britânicos (cerca de 300) lançou-se ao ataque por uma brecha convidativa que se abria nas linhas alemãs.

E, de súbito, abriram-se as portas do inferno. Os tanques ingleses tinham caído numa

Continua na página 9

PALAVRAS CRUZADAS

ORIGINAL DO CAPITÃO LUÍS CÉSAR RODRIGUES

PROBLEMA N.º 2-62

HORIZONTAIS: 1 — Adivinhar. 2 — Impede; normas. 3 — Levantar; jogo de cartas. 4 — A pátria; mulos; rélas. 5 — O primeiro; apelido; zomba. 6 — Doentio. 7 — Utensílio (pl); estava. 8 — Igual; criada grave; resguardo lateral. 9 — Comparecer; nome de uma flor; vogais iguais. 10 — Arruinava; aformoseias. 11 — Deseja; preposição e artigo contraídos (pl).

VERTICAIS: 1 — Consomes; devoto. 2 — Passas a noite sem dormir; conversa. 3 — Ligar; imensidão; qualquer. 4 — Fruir; letra grega (pl); rema para trás. 5 — Prefixo de negação; maior; navega. 6 — Grande mesura. 7 — Caminhar; distingue-se; parente. 8 — Escalvados; composição poética; nesta ocasião. 9 — Afeição; reza; laço. 10 — Cair girando; unes. 11 — Indivíduo que é o retrato de outro; gemidos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 1-62

HORIZONTAIS

1 — Crescia; fim. 2 — Oiro; Ria; má. 3 — Loa; casta. 4 — És; sós; iró. 5 — Ano. 6 — Tá; evita; ac. 7 — Ivo; Ema; ola. 8 — Vê; exara; am. 9 — Avo; ala! 10 — Aia; ira. 11 — Bis; fia; ora.

VERTICAIS

1 — Colectivo. 2 — Rios; ave; ai. 3 — Era; ais. 4 — Só; Eva. 5 — Convexo. 6 — Irás; irmã; mi. 7 — Ais; atara. 8 — Atina; ali. 9 — Aro; aro. 10 — Im; ala!; ar. 11 — Mas; acama.

Justo Louvor à Sociedade dos Antigos Alunos do Liceu de Aveiro

Por intermédio do Ministério da Educação Nacional, o Governo fez publicar, recentemente, o louvor que a seguir registamos, com enorme agrado pela justiça que o mesmo traduz:

Considerando que a Sociedade dos Antigos Alunos do Liceu de Aveiro tem prestado relevantes serviços ao mesmo Liceu, quer instituindo prémios, quer responsabilizando-se pelo pagamento de despesas resultantes da publicação do Anuário e da reparação e aquisição de material destinado ao Gabinete de Física e de Química, manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro da Educação Nacional, dar público testemunho de louvor à referida Sociedade dos Antigos Alunos do Liceu de Aveiro.

Pela Capitania

Movimento Marítimo

★ *Em 27 de Fevereiro findo, procedente do Porto, demandou a barra o barco holandês* Deo Duce, *em lastro.*

★ *Em 3, vindo de Lisboa, com gasóleo, entrou a barra o navio-tanque* Sacor *que, no dia imediato, 4 do corrente, depois de descarregado, regressou a Lisboa.*

★ *Em 6, vindos de Leixões, entraram o navio alemão* Perseus, *com carga geral e o rebocador* Vandoma *e saíram, para Newport e Leixões, respectivamente, o navio holandês* Deo Duce, *com madeira e o rebocador* Vandoma.

Serviços Municipalizados

AVISO

Lista dos candidatos admitidos ao concurso aberto para os seguintes lugares, conforme aviso de 2 de Fevereiro último:

Electricistas de 3.ª classe: António Armando de Almeida Ferreira da Costa, Avelino Ferreira Vieira, Basílio Ferreira de Matos, Carlos Alberto Mesquita Coelho, Heitor de Oliveira Matos Marques, Jorge Manuel dos Santos, Manuel Martins de Carvalho e Manuel de Oliveira Fonseca.

Maquinistas da Subestação: Carlos Alberto Mesquita Coelho e João da Maia Ferreira da Silva.

Aferidor de contadores: João da Maia Ferreira da Silva e Manuel Maia Duarte.

Ajudantes de Aferidor: António Marques Genrinho e Manuel Gomes.

As provas serão prestadas nos dias 20 e 21 de Março corrente, com início às 10 horas.

Aveiro, 9 de Março de 1962

O Presidente do Conselho de Administração,

a) **José Ferreira Pinto Basto**

Litoral — N.º 385 — Aveiro, 10-3-1962

Récita dos Finalistas do Liceu

Conforme noticiámos, os alunos finalistas do Liceu Nacional de Aveiro levaram à cena, no Teatro Aveirense, na penúltima sexta-feira, dia 2, a sua récita de despedida.

No próximo número daremos mais desenvolvida notícia deste acontecimento académico.

II Salão Nacional de Arte Fotográfica de Aveiro

A Secção Fotográfica do Clube dos Galitos vai organizar, de 14 a 31 de Julho do corrente ano, o *II Salão Nacional de Arte Fotográfica de Aveiro*, para fotografias a cores naturais e a preto e branco.

O regulamento do certame será brevemente tornado conhecido; entretanto, podemos desde já noticiar que se fixou o dia 8 de Junho para termo do prazo de recepção de provas.

Exposição Retrospectiva de Mestre Waldemar da Costa

Hoje, pelas 18 horas, na sala de conferências do Museu Machado de Castro, em Coimbra, inaugura-se uma Exposição Retrospectiva de Mestre Waldemar da Costa, promovida pela Embaixada do Brasil e pelo Círculo de Artes Plásticas da Associação Académica de Coimbra.

66.º Aniversário da Sociedade Recreio Artístico

A prestigiosa Sociedade Recreio Artístico vai celebrar a passagem do seu 66.º aniversário — que precisamente se completa em 19 do corrente —, com um programa que inclui as seguintes realizações e solenidades:

Dia 11 — A's 8.30 horas, na Barra, IV Concurso de Pesca Desportiva Inter-Sócios.

Dia 19 — A's 18.30 horas, Missa de sufrágio pelos sócios falecidos; às 21.30 horas, Sessão Cultural e Recreativa, no salão nobre da sede, com a passagem de filmes do prestigioso cineasta aveirense Dr. Vasco Branco.

Finda a sessão cinematográfica, serão distribuídos os prémios do IV Concurso de Pesca Desportiva.

Procissão das Cinzas

Na quarta-feira, e conforme aqui anunciámos, realizou-se a tradicional Procissão das Cinzas — que atraiu muitos visitantes à cidade e se revestiu de muita imponência.

Presidiu ao préstito o Vigário Capitular da Diocese de Aveiro, Mons. Júlio Tavares Rebimbas, acolitado pelos rev.os Mons. Aníbal Ramos, Reitor do Seminário Diocesano de Santa Joana Princesa, e Padre Messias da Rocha Hipólito, Prior da Freguesia de Nossa Senhora da Glória.

Mário Sacramento

Ex-assistente Estrangeiro do Hospital Saint-Antoine de Paris

APARELHO DIGESTIVO

DOENÇAS ANO-RECTAIS

RECTOSIGMOIDOSCOPIA

Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, 50-1.º

Telefones { Cons. 22706 / Res. 22844

Consultas das 10 às 18 h.

(à tarde, com hora marcada)

AVEIRO

Câmara Municipal de Aveiro

CONCURSO

Eng.º Agr.º Henrique de Mascarenhas, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Aveiro:

Faz público que esta Câmara Municipal, em sua reunião ordinária do dia 23 de Fevereiro findo, deliberou abrir concurso, pelo prazo de VINTE DIAS, para o «FORNECIMENTO DE LUBRIFICANTES E COMBUSTÍVEIS PARA OS SERVIÇOS MUNICIPAIS E MUNICIPALIZADOS», devendo as propostas ser enviadas à Secretaria da Câmara até às 14.30 horas do próximo dia 23 de Março corrente.

O Caderno de Encargos será patente aos interessados, na Secretaria da Câmara.

Paços do Concelho de Aveiro, 2 de Março de 1962

O Presidente da Câmara,

Henrique de Mascarenhas

Eng.º Ag.º

COMPRA-SE

Terreno para construção, ou prédio velho para demolir — em Aveiro.

Resposta para António Cruz, Pensão Palmeira.

GUARDA-LIVROS

Precisa casa de grande movimento, a 3/4 km. de Aveiro.

Resposta ao n.º 500 da Redacção, indicando referências e ordenado.

Organização Aveirense de Representações

de **J. Ernâni Moreira da Silva**

11 - Rua de Gustavo Ferreira Pinto Basto - 13 ★ AVEIRO

Material para DESPORTO / CAMPISMO

Todos os artigos para clubes populares

SERVIÇO DE FARMACIAS

Sábado	OUDINOT
Domingo	MOURA
2.ª feira	CENTRAL
3.ª feira	MODERNA
4.ª feira	ALA
5.ª feira	CENTRAL
6.ª feira	AVEIRENSE

COMPANHIA AVEIRENSE DE MOAGENS

S. A. R. L.

Assembleia Geral

E' convocada a Assembleia Geral Ordinária da Companhia Aveirense de Moagens, a reunir no dia 30 de Março de 1962, pelas 15 horas, no seu Escritório, com a seguinte ordem do dia:

1.º — Discutir, aprovar ou modificar o Relatório e Contas do Conselho de Administração, referente ao ano de 1961;

2.º — Proceder à eleição dos membros dos Conselhos de Administração e Fiscal e Mesa da Assembleia Geral, para o triénio 1962-1964;

3.º — Tratar de qualquer assunto de interesse social.

Aveiro, 28 de Fevereiro de 1962

O Presidente da Assembleia Geral,

José Pereira Tavares

MORADIA

VENDE-SE

Vende-se, em Ílhavo, a Casa de S.to António, no centro da vila.

Falar com Henrique Vieira, na Rua do Tenente Resende, 58-1.º, em Aveiro.

Serviços Municipalizados

Lista dos candidatos admitidos definitivamente ao concurso para dois lugares de escriturário de 2.ª classe, a que se refere o anúncio publicado no «Diário do Governo» n.º 263 — 3.ª série, de 10 de Novembro de 1961:

Aníbal José da Cruz Pereira Gaieira
Carlos Manuel Pereira
João da Paula Ferreira Lebre
João da Silva Gomes
José Alberto de Matos Paulino
José Luís Fino de Figueiredo
Manuel Ferreira Carapina

Foi excluído o candidato António Borralho Rangel por haver desistido.

As provas práticas do concurso serão prestadas no dia 28 de Março corrente, pelas 9 horas e 30 minutos, na sede destes Serviços.

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Aveiro, 9 de Março de 1962

O Presidente do Conselho de Administração,

a) **José Ferreira Pinto Basto**

Litoral ◇ N.º 385 ◇ Aveiro, 10-III-1962

Fábricas Jerónimo Pereira Campos, Filhos

S. A. R. L.

AVEIRO

Convocatória

Nos termos do Art.º 22.º dos nossos Estatutos, são convidados os Senhores Accionistas a reunirem-se em Assembleia Geral Ordinária, no próximo dia 28 do corrente, pelas 14 horas, na Sede Social, em Aveiro, a fim de:

1.º — Discutir, votar ou alterar o «Relatório e Contas» da Direcção e o «Parecer do Conselho Fiscal» referentes ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1961.

2.º — Tratar de qualquer assunto de interesse para a Sociedade.

3.º — Proceder à eleição dos Corpos Gerentes para o triénio de 1962-1964.

Aveiro, 8 de Março de 1962

O Presidente da Assembleia Geral,

Francisco António Soares

PINHO E MELO

ESPECIALISTA

RAIOS X

Serviço:

2.as, 4.as e 6.as — das 9.30 às 13 horas e das 15 às 18 horas

3.as, 5.as e sábados — das 11 às 13 horas e das 15 às 18 horas

Consultório:

Av. do Dr. Lourenço Peixinho, 110-1.º Esq.

— AVEIRO —

Por motivo de viagem

Vende-se

Opel Rekord, 4 portas, estado de novo, com rádio, capas, e capachos, com menos de 16 mil kilómetros.

Informações:

Barbearia Progresso — Av. do Dr. Lourenço Peixinho, N.º 206 — AVEIRO.

Aluga-se

Num prédio de 2.º andar, sala grande, própria para escritório comercial, com quarto contíguo, na Rua dos Marnotos, n.º 10.

Para ver e informar: Rua da Palmeira, n.º 2.

IATE — VENDE-SE

Meio-cruzeiro, bom estado próprio Ria de Aveiro, 4 beliches, motor marítimo 10 H P.

Informa Posto Náutico S. C. Porto. Leixões.

Leitões

«Landrace» (raça dinamarquesa), vende a **Granja Ria-Mar** — Costa Nova do Prado, telefone 23868.

FRENTE PATRIÓTICA

— Conclusão da segunda página

e com isso lucraram muito, senão tudo o que mereciam e, moralmente, nós lhes devemos.

Nenhum Governo Português digno do nome pode renunciar à missão histórica que é de Portugal e não de um partido, de uma facção ou de uma filosofia política.

Criticar êstá bem, é necessário; mas, quando a crítica preconize o abandono do dever nacional, é derrotismo que nenhum Estado pode permitir sem negar-se.

A bandeira branca da capitulação é um símbolo que só pode agradar a portugueses degenerados. Deles se pode dizer que são apátridas, se, longe das frentes da batalha, confortàvelmente instalados na vida, sem a coacção do medo, elogiam os que capitularam à força, como se o tivessem feito por traição. Tal gente chama à honra defeito burguês e ao amor pátrio velharia de museu; e anda por aí em grupos para dar a impressão de que já é Portugal e de que tudo o mais *não passa de reles e fétido despojo de um passado morto.*

Há muitas pessoas que perdem o Norte e se deixam levar, porque ainda não houve quem lhes dissesse, em termos comesinhos, do que se trata e ainda menos houve quem mostrasse, com perfeita isenção, qual é o único e bom caminho português, já seguido em relação ao Brasil. De nada nos teria valido tê-lo seguido em relação à Índia Portuguesa frente às ambições imperialistas de Nehru; mas, aqui, nas Ilhas, na África, só nos poderão impor a capitulação, se os portugueses se deixarem emascular pela chantagem comunista e pela palermice dos que se propõem combatê-la, mas, na realidade, a servem.

Não é agora que começa a luta, como supõem e dizem observadores superficiais da História Nacional, pois começou nos campos de S. Mamede e nunca acabará, porque o nosso destino é o de criar nações.

De espanhóis que éramos no século XII, ocupando um minúsculo canto da Ibéria, volvêmo-nos em portugueses com língua e personalidade próprias e, de tal modo se houveram os nossos maiores, que eternizaram a nacionalidade lusíada além dos mares, onde não pudéssemos ser esbulhados da nossa civilização. E' nosso destino continuar essa missão. Contra tão grandiosa e bela finalidade que é, ao mesmo tempo, filosofia de vida, todas as vagas de ideias se desfazem em espuma.

*

E' pena ter sido necessário esperar que a verdadeira História Nacional, e não a prefabricada, se desbobinasse aos olhos do homem comum, para compreender-se que o nacionalismo não tem lugar em nação multi-racial e pluricontinental, mas, mais vale tarde do que nunca. Agora não precisamos de remediar erros que a autêntica História, na sua marcha de inclemente indiferença pelos *self-made* Prometeus, anulou; temos, sim, de enfrentar o futuro com a inabalável determinação de vencer.

Ao passo que a Europa Ocidental despertou para a vida do século XX e cresce ràpidamente, nós continuamos a espingardear-nos pela posse de um poleiro que, nesta hora, só pode ser invejado por uma variedade de ave.

Claro que uma Europa renascida do próprio holocausto, receberá de braços abertos os velhos irmãos ibérios, mas sob a condição de se despojarem dos punhais e das pistolas que o comunismo internacional lhes oferece para impedir o novo surto europeu de civilização que vai confundir todos os profetas da desgraça.

E' admirável que o génio europeu tenha sido, afinal, o único que encontrou o remédio para os seus males, no seu estilo europeu. Com um golpe abatem-se os dois inimigos que se introduziram no coração do Ocidente e quase o paralizaram: o fascismo e o comunismo, no fundo, a mesma degradação do homem.

Porém, para sermos admitidos sem reservas e sem favor, é preciso expurgar-nos da pataratice endémica, destotobolizar-nos.

*

«Salus populi suprema lex». Esta é a fórmula eterna e perfeita que, nas horas de crise, adoptam os povos e as nações que querem sobreviver. A sobrevivência é a lei suprema da vida. Perante a direito de viver, apagam-se todos os outros. As dúvidas, as interrogações, que, legitimamente, ocupam o espírito do homem e que, normalmente, são benditas, porque umas e outras estão na base do progresso, cessam, quando, ante o perigo de perder a vida, é preciso defendê-la por todos os meios.

Nós corremos o perigo de perder a vida de povo independente. Não é exagero afirmá-lo, porque já começou o ataque à periferia da nossa Pátria. Perdemos a parte mais gloriosa e cantada da Epopeia Nacional, e o brio de povo coeso e consciente da sua História e dos seus destinos está empanado por muitos homens cultos que, abertamente, se colocam ao lado dos nossos inimigos, aplaudindo os que nos atacam, matam, roubam. Servem-se da palavra para adular os ignorantes e fazer-lhes crer que serão os reis do futuro. Criaram uma onda de demagogia farfalhante e uma tola ilusão que, aliada à incompetência, cinismo, inconsciência, videirismo, resulto na situação derrotista que, ou elogia, abertamente, a traição, ou se cala, com medo de contrariar «o vento da história» e se faz de capa, na esperança de manter a fatia que devora, para além do dia em que o vento sopre do Kremlin.

A consciência nacional despertou um pouco, mercê das dores que a feriram; mas está ainda entorpecida pelo curare que lhe instilaram as flechas envenenadas do inimigo e ainda não compreendeu que os males nacionais não são originários da Índia de Nehru nem dos vizinhos de Angola, Moçambique, Guiné, mas sim dos portugueses que degeneraram em egoístas, para quem o interesse material, o desejo de gozar a vida, sobreleva o mais.

O envenenamento colectivo da Nação pelas especiarias do Oriente, encontra paralelo actual nos réditos dos Conselhos de Administração, nas conezias distribuidas aos que serviram, muitas vezes desservindo Portugal. Foi neste clima de apodrecimento da vontade nacional, já o escrevi, que pôde nascer, crescer e infiltrar-se nas mais recônditas frinchas a erva daninha que está a destruir a seara que há oito séculos nos nutre e que não é tão pobre como se diz, porque, além do mais, nos deu expressão verbal própria e ao Mundo uma civilização que atinge o seu máximo no Brasil.

Nunca pertenci ao número dos que gostam de refrescar-se ao «vento da história». Continuo a crer em tudo por que me tenho batido na medida das minhas minguadas forças e suponho, até, que, na reafirmação dos princípios em que julgo dever basear-se a cidadania dos portugueses, está a única via pela qual podemos continuar a ser um povo independente e progressivo; mas, quando a casa arde, não vou discretear sobre a técnica do combate ao incêndio — vou carrear baldes de água e ajudar os bombeiros até ao limite das minhas forças.

Francisco Rendeiro

FAZEM ANOS:

Hoje, 10 — As sr.as D. Maria Manuela Lé Rangel, esposa do sr. Aristides Tavares Ferreira, D. Maria Irene de Almeida e prof.a D. Maria Augusta Teixeira Simões, esposa do sr. António Maria Ferreira Santiago; o sr. Carlos Júlio Duarte de Matos; as meninas Maria Valentina Mota Lima, ausente em Luanda, e Maria Clementina Rodrigues da Paula; e os meninos Plínio José da Silva Apresentação, filho do sr. José da Silva Apresentação, e José Henriques de Carvalho, filho do sr. António Henriques de Carvalho.

Amanhã, 11 — Os srs. José da Cruz e Sousa e Elói de Oliveira Gomes; e as meninas Júlia Maria, filha do sr. Dr. Manuel Dias da Costa Candal, e Maria Susette e Maria do Céu, filhas do sr. Fernando de Matos.

Em 12 — As sr.as D. Maria da Conceição de Vilhena Barbosa de Magalhães e D. Maurícia Bernardo Albuquerque, esposa do sr. Acúrsio Maia de Albuquerque, ambos professores em Oiã; o nosso apreciado colaborador Dr. Querubim Guimarães; e a menina Capitolina dos Reis, sobrinha do sr. João dos Reis.

Em 13 — As sr.as D. Maria Bebiana Soares Vieira e Pinho, esposa do sr. José da Naia e Pinho, e D. Salette da Silva Lemos, esposa do sr. Amadeu de Lemos Moreira; o sr. Manuel Álvaro de Morais Sarmento; e o menino Carlos Augusto Ferreira Guedes Pinto, filho do sr. Dr. Ernesto Guedes Pinto.

Em 14 — As sr.as D. Lourdes Pereira Campos Amorim, esposa do sr. Joaquim Adriano de Almeida Campos Amorim, e D. Maria Helena Martins Soares Branco Lopes, esposa do sr. Eng.º Alberto Branco Lopes; os srs. Capitão Augusto Soares Pinheiro, Jeremias Gomes da Conceição e Jorge de Pinho Neto Brandão, filho do sr. prof. João de Pinho Neto Brandão; a menina Maria Manuela dos Santos Rocha, filha do sr. António Nunes da Rocha, aveirenses ausentes em S. Paulo (Brasil); e o menino Jorge Manuel, filho do sr. Raul de Sá Seixas.

Em 15 — A sr.a D. Armanda da Costa Cerqueira, esposa do nosso dedicado colaborador Eduardo Cerqueira; os srs. Capitão Luís Paula Santos, Antero Pires Cardoso, Manuel Pereira Campos Naia e Manuel Gamelas Vieira; e a menina Maria Manuela, filha do sr. Mário Ferreira Lourenço.

Em 16 — As sr.as D. Maria Eduarda Guerreiro Mendes Vidigal Pinheiro, esposa do sr. Capitão Augusto Soares Pinheiro, e D. Ortélia Henriques Abranches, esposa do sr. Máiro Gonçalves Andias; os srs. Egas da Silva Salgueiro, Manuel Maria Rodrigues Valente e José da Silva Cravo Novo; e o menino Paulo Manuel, filho do sr. António Joaquim da Costa Pinho.

NASCIMENTO

Na última segunda-feira e na Casa de Saúde da Vera-Cruz, nasceu a primeira filhinha ao casal da sr. D. Preciosa Ferreira Nova e do sr. Aldemir Costa e Silva, funcionário do Tribunal do Trabalho de Aveiro.

Os nossos parabéns

DOENTES

Encontra-se retido no leito o nosso bom amigo sr. Jeremias dos Santos Moreira.

Também tem estado enfermo o nosso amigo sr. Eng.º José Gabriel Guimarães.

Aos enfermos desejamos rápido e completo restabelecimento

Banco Regional de Aveiro

Relatório, Balanço e Contas da Direcção e Parecer do Conselho Fiscal

GERÊNCIA DE 1961

Senhores Accionistas:

Em observância das disposições legais e estatutárias submetemos à apreciação de V. Ex.as o relatório, balanço e contas do ano de 1961.

O lucro líquido, apurado no exercício, foi de Escudos 1 734 310$25. Propomos que lhe seja dado o seguinte destino:

10 % para o fundo de reserva legal	*173 431$02*
para dividendo de 6 %, cativo de impostos	*600 000$00*
para cumprimento dos encargos previstos no art.º 20.º dos estatutos	*81 261$55*
para reforço do fundo de reserva legal	*26 568$98*
para outros fundos de reserva	*100 000$00*
para amortização de imóveis	*96 624$30*
para amortização de móveis	*71 400$00*
para provisões diversas	*288 273$00*
para conta nova	*296 751$40*
Total	*1 734 310$25*

Julgamos de aconselhar a redução do dividendo para seis por cento, como medida cautelar contra o agravamento de encargos, que se tem por certo, e a aplicação do saldo disponível dos lucros na consolidação do activo.

Agradecemos ao nosso Conselho Fiscal a sua valiosa e leal colaboração e é-nos muito grato, também, reconhecer a zelosa e prestante colaboração de todo o pessoal.

Aveiro, 30 de Dezembro de 1961.

A Direcção,

aa) Alfredo Esteves
Egas da Silva Salgueiro
Pedro Grangeon Ribeiro Lopes

Carteira de Títulos

Fundos Públicos:		
300 obrigações do Tesouro, de 2½ %, 1942	305 100$00	
150 ditas, do Tesouro, de 3½ %, 1951	153 750$00	
1 440 ditas, do Fundo Consolidado de 2¾ %, 1943	991 440$00	
78 ditas, 3 % 1942	59 280$00	
365 ditas, 3½ %, 1941	318 645$00	
25 ditas, 4 %, 1940	52 000$00	
45 ditas, do Fundo Externo, de 3 %, 1.ª série	49 950$00	
7 ditas, 3 %, 3.ª série	9 450$00	1 939 615$00
Títulos Nacionais:		
5 909 acções da Companhia Aveirense de Moagens	618 175$00	
496 ditas, das Fábricas Jerónimo Pereira Campos, Filhos	81 598$90	
175 ditas, do Banco de Agricultura	6 475$00	
150 ditas, do Banco do Alentejo	67 500$00	
10 ditas, do Banco de Portugal	22 900$00	
20 ditas, da Comp. Port. de Tabacos	6 100$00	
15 ditas, da Comp. Tabacos Portugal	8 850$00	
34 ditas, da Comp. Ind. Portuguesa	680$00	
300 ditas, da Hidro Eléctrica do Zézere	375 000$00	
75 ditas, da União Eléctrica Port.	12 600$00	
4 ditas, da mesma com o desembolso de 80 %	320$00	
6 ditas, da Hidro Eléctrica do Alto Alentejo	957$00	
45 ditas, da Comp. Port. de Celulose	146 025$00	
20 ditas, da Comp. dos Açucares de Angola	18 000$00	
5 ditas, da Sociedade Agrícola do Cassequel	3 150$00	
30 ditas, da Comp. da Ilha do Príncipe	18 000$00	
1 500 ditas, da «Messa» — Máquinas de Escrever, S. A.	150 000$00	
70 ditas, da Siderurgia Nacional	70 000$00	
65 ditas, da Rádiotelevisão Portuguesa	65 000$00	
200 ditas, da Sociedade dos Transportes Aéreos Portugueses	200 000$00	1 871 330$90
Total		3 810 945$90

BALANÇO GERAL EM 31 DE DEZEMBRO DE 1961

ACTIVO

Disponível e Realizável			
Caixa e Depósito no Banco de Portugal	7 058 014$47		
Depósitos noutras Instituições de Crédito	2 550 548$96		
Promissórias de Fomento Nacional	1 000 000$00	10 388 563$43	
Carteira de Títulos e Cupões	3 810 945$90		
Carteira Comercial	34 436 268$61		
Correspondentes no País	3 863 476$58		
Empréstimos e Contas Correntes Caucionadas	23 971 405$58		
Devedores e Credores	13 867 439$12	79 949 535$79	90 338 099$22
Imobilizado			
Participações Financeiras		54 000$00	
Imóveis	1 402 138$08		
Amortização (a deduzir)	605 513$78	796 624$30	
Imobilizações Diversas		71 450$00	922 074$30
Contas de Ordem			
Valores de Conta Alheia		7 463 444$67	
Valores Recebidos em Caução		8 093 150$00	
Devedores por Garantias e Avales Prestados		9 096 356$59	
Outras Contas de Ordem		7 126 420$95	31 779 572$21
Total			123 039 545$73

PASSIVO

Exigível			
Depósitos à Ordem — Moeda Nacional	29 764 019$22		
Depósitos a Prazo — Moeda Nacional	24 716 691$20	54 480 710$42	
Cheques e Ordens a Pagar	401 122$80		
Exigibilidades Diversas	120 380$79		
Correspondentes no País	9 076 893$66		
Empréstimos e Contas Correntes Caucionadas	743 301$99		
Devedores e Credores	7 141 726$61	17 483 425$85	71 964 136$27
Não Exigível			
Contas Diversas e Provisões			761 727$00
Capital e Reservas			
Capital		10 000 000$00	
Fundo de Reserva Legal		3 400 000$00	
Outros Fundos de Reserva		3 400 000$00	16 800 000$00
Resultados			
Lucros e Perdas			
Saldo do exercício anterior		166 289$34	
Resultados do exercício		1 568 020$91	1 734 310$25
Contas de Ordem			
Credores por Valores de Conta Alheia		7 463 444$67	
Credores por Valores Recebidos em Caução		8 093 150$00	
Garantias e Avales Prestados		9 096 356$59	
Outras Contas de Ordem		7 126 420$95	31 779 372$21
Total			123 039 545$73

Aveiro, 31 de Dezembro de 1961

O Guarda-Livros,
a) Carlos Vicente Ferreira

A Direcção,
aa) Alfredo Esteves
Egas da Silva Salgueiro
Pedro Grangeon Ribeiro Lopes

Conta de Lucros e Perdas

RECEITAS:

Saldo do exercício anterior		166 289$34
Juros e comissões a nosso favor	3 655 855$39	
Rendimento de títulos de crédito	154 989$79	
Outros rendimentos, receitas e lucros	486 888$77	4 297 733$95
		4 464 023$29

ENCARGOS:

Juros e comissões a nosso cargo	1 294 035$37	
Contribuições e impostos	271 075$80	
Despesas com o pessoal	950 847$10	
Despesas gerais	212 066$77	
Encargos diversos	1 688$00	2 729 713$04
Saldo		1 734 310$25

PARECER DO CONSELHO FISCAL

O vosso Conselho Fiscal, em obediência ao que a Lei lhe determina, acompanhou, com cuidado, durante o ano de 1961, toda a actividade do vosso Banco, verificando a perfeita exactidão das Contas.

Concorda este Conselho com a orientação seguida pela Direcção e que a levou, prudentemente, a reduzir a taxa do dividendo a distribuir.

O relatório, balanço e contas, apresentados pela Direcção, merecem a aprovação deste Conselho.

Assim, tem a honra de vos propor:

Que aproveis o relatório, balanço e contas da Direcção, referentes ao exercício de 1961, assim como a sua proposta para a aplicação dos lucros;

Que seja louvada a Direcção, pela maneira criteriosa como desempenhou o seu mandato;

Que este louvor seja extensivo ao pessoal do Banco, pela sua eficiente colaboração.

Aveiro, 6 de Janeiro de 1962

O Conselho Fiscal,

aa) Alberto Casimiro Ferreira da Silva
Manuel Rasoilo do Sacramento
Orlando Moreira Trindade

«IMPULSO DA NOSSA ÉPOCA»

— Um expressivo documentário cinematográfico da CASA SIEMENS

Fundada há mais de cem anos — exactamente em 1847 por Werner Siemens e Johann Halske, que, nessa altura, abriram em Berlim uma pequena oficina com três operários, a *Siemens* tem, hoje, uma organização que abarca todo o campo da electrotecnia e na qual se empregam 220 mil pessoas.

Só por si, estes números dão uma clara ideia da sua grandiosidade e, também, da sua evolução económica, industrial e social desde essa data até os nossos dias.

Companhia de renome internacional, cedo voltou a sua atenção para o nosso País, onde tem colaborado em inúmeras iniciativas, tais como a electrificação de centros urbanos, e da doca n.º 1 do Porto de Leixões, sendo ainda de salientar a sua presença no alternador do Lindoso, nuns transformadores da Central de Paradela, na Televisão portuguesa, na Barragem da Bouça, no Metropolitano de Lisboa, bem como em inúmeras centrais telefónicas e telecomunicadores e na electrificação da rede dos caminhos de ferro.

A actividade da *Siemens* em Portugal vai passar a ser ainda mais intensa, abrangendo um campo mais vasto no aspecto industrial — o que contribuirá, sem dúvida, para uma valorização de carácter económico, o que não pode ser menosprezado.

Actualmente, no Sabugo, apenas a vinte quilómetros de Lisboa, a *Siemens* está a construir uma nova unidade fabril, que se dominará «Motra», e que se dedicará ao fabrico de transformadores, motores e outro material eléctrico. Esta fábrica, com uma área coberta superior a 7700 metros quadrados, poderá vir a empregar mil pessoas e será, mercê da experiência colhida pela *Siemens*, mais um vigoroso impulso na indústria de material eléctrico no nosso País. A par desta iniciativa, está também a *Siemens* a construir, em Lisboa, um edifício com dez andares, onde se instalarão os seus escritórios.

Para que se avalie o que foi o desenvolvimento da electrotecnia nas últimas décadas deste século, a *Siemens* realizou, na Alemanha, um documentário cinematográfico que, como oportunamente noticiámos, foi exibido no Teatro Rivoli, no Porto, em 27 de Fevereiro findo.

O filme, denominado «Impulso da Nossa Época», tem merecido as mais elogiosas referências da Imprensa de todo o Mundo, tendo sido qualificado de «extraordinário valor» pela Inspecção do Cinema Alemão.

Com colorido magnífico, é um trabalho profundo, que educa e prende a atenção, pela forma como as imagens se sucedem, dando uma noção clara do progresso no ramo da electrotecnia, através de um resumo dos numerosos sectores em que ela tem contribuido para o desenvolvimento e progresso da civilização.

O espectador passa da imagem da central hidro-eléctrica, situada em lugares afastados dos centros urbanos, à estação radio-transmissora, erguida no meio do deserto — dois símbolos de uma civilização em contínua evolução. Em contraste com estas gigantescas obras, o filme oferece uma visão dum mundo microscópio, no qual miríades de minúsculos elementos — selectores, relés, válvulas, componentes electrónicos — operam para porem em funcionamento a maravilhosa aparelhagem ao serviço da telecomunicação e da electrotecnia. Uma verdadeira obra-prima da arte cinematográfica é a representação de uma viagem através da teleimpressora em funcionamento, de tal modo que esta máquina parece, ao espectador, um ser vivo.

O natural complemento sonoro deste documentário sobre electrotecnia não podia ser senão de música electrónica, que foi composta para o filme por instrumentos electrónicos especialmente construídos para este fim.

O documentário «Impulso da Nossa Época» não se limita a oferecer um panorama da actividade da *Siemens*, que, com os seus 220 000 empregados distribuídos por todos os países do Mundo, representa uma das principais empresas ao serviço da electrotecnia; ele testemunha também, de forma eloquente, o progresso electrotécnico e a contribuição que tem levado a todos os sectores da actividade humana, desde a produção de energia até às telecomunicações, desde a técnica de medida e regulação até ao campo electrónico e nuclear.

Trabalho de invulgar mérito cinematográfico, o filme «Impulso da Nossa Época» mereceu o título oficial de «Película de Ouro», recebeu diversos prémios, e o seu realizador, Otto Martini, foi galardoado com o prémio «Bundesfilpreis», de Berlim.

Antes da exibição do notável documentário a que nos temos referido, o sr. Américo Dinis, Chefe da Secção de Publicidade da *Siemens*, dirigiu palavras de agradecimento a todos os presentes, tecendo ainda algumas considerações sobre o filme que ia ser projectado.

A dada altura, afirmou:

Há muito que, premir um simples botão para obter a iluminação do compartimento; rodar o marcador para transmitir a fala a quilómetros de distância, se tornou natural e faz parte do quotidiano. Também, hoje, já não causa admiração que motores eléctricos, um em cada forma, nos tenham libertado do árduo trabalho muscular em transportes e canseiras, que comboios eléctricos nos levem através do país.

Mas, de vez em quando, devia pensar-se nestes aspectos para termos a consciência do que a electrotecnia representa na nossa vida.

O homem do nosso tempo é o homem da técnica. Toda a sua vida, o seu comércio e o seu pensamento, são consideràvelmente determinados pelas possibilidades que ele colhe no conhecimento das leis da natureza e que transforma em técnica. A técnica acompanha o homem de hoje, passo a passo. Mas, a condição prévia para cada uma das actividades técnicas é ter-se à disposição fontes de energia. Ora, a energia não pode ser criada nem extinta — ela existe — e a melhor forma de energia é aquela que mais fácil e econòmicamente se deixa transportar, nas quantidades desejadas — quer em grandes volumes quer em pequenas parcelas — e que pode ser utilizada a todo o momento. Estas são as qualidades de energia eléctrica. Eis, exactamente, a razão fundamental, porque a electricidade e a ciência das suas aplicações técnicas, ou seja, a *electrotecnia*, influenciaram tão radicalmente a Humanidade.

A aplicação da electricidade na indústria, na economia, no tráfego, no comércio e até, em esferas privadas, tem um irrefutável significado: tornou-se o «IMPULSO DA NOSSA ÉPOCA».

E, adiante, noutro passo:

O assunto do filme, por si mesmo, determinou a orientação da realização e determinou aquilo que ele não poderia ser.

— Não poderia ser, de modo algum, um filme publicitário.

— Não poderia ser um filme didáctico, porque filmes didácticos ou doutrinários são, por exemplo, sobre a construção dum aparelho, a evolução técnica dum fenómeno físico, que vão até ao detalhe, na sua função de ensinar.

— Também não poderia ser um filme cultural, na genérica acepção da palavra, porque deveria focar mais do que uma zona limitada de conhecimento. Este filme tinha que mostrar conexões, e, por isso, tinha que abordar problemas com os quais o homem de hoje tem que ver.

Assim, produziu-se um filme documentário, de um cunho completamente novo. Teve que escolher-se entre uma infinidade e diversidade de domínios, aquele que fosse mais representativo para um todo; por cada um dos ramos escolhidos, tinha-se frequentemente de encontrar uma nova forma de realização que representasse o essencial do filme.

Finalmente, a concluir:

Temos imensa satisfação, no facto de ter sido possível exibir este filme em Portugal, um País no qual os nossos produtos têm tido grande difusão e o nome *Siemens*, devido à sua actuação técnica e científica, tem obtido inúmeras demonstrações de confiança. Isso dá-nos coragem para falar aos nossos amigos portugueses e fazê-los confidentes deste nosso impressionante problema.

Após a projecção da notável película, foi oferecido um «vinho de honra» aos convidados da *Siemens*, entre os quais se incluiam os representantes da Imprensa.

Um aspecto da Central Termoeléctrica de Manágua (Nicarágua)

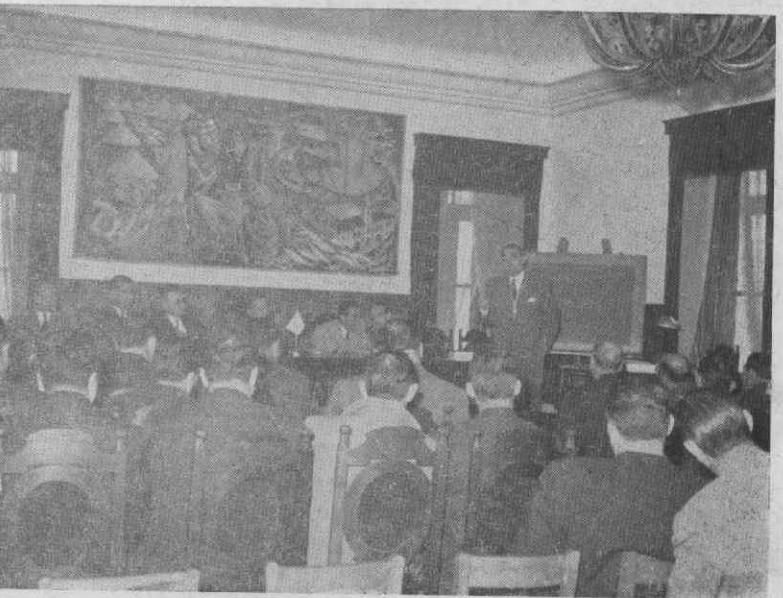
Distribuição à escala internacional de ÓLEOS SACOR para a Marinha

Há muito tempo que a Cidla tem actuado com êxito no ramo marítimo do mercado português de óleos lubrificantes, prestando a assistência comercial e técnica aos seus clientes dentro da mais completa e actualizada gama de produtos. Porém conseguiu prolongar agora a sua organização de distribuição da escala nacional à internacional, em condições vantajosas de real interesse para a procura, oferecendo os abastecimentos de óleo Sacor aos navios por intermédio de depositários que estão localizados racionalmente no mundo para uma satisfação completa das necessidades dos seus clientes.

Sempre com o objectivo de servir bem, correspondendo à preferência cada vez maior da procura nacional, a Cidla tomou a iniciativa de realizar no dia 23 do passado mês de Fevereiro, em Aveiro, uma reunião com os senhores Oficiais Maquinistas da Marinha Mercante Portuguesa pertencentes às empresas situadas em Aveiro, sendo proferida uma palestra de ordem técnica na aplicação de óleos Sacor pelo Chefe dos Serviços Técnicos da Cidla, srs. Leonardo de Sousa e Vasconcelos, cujo fim foi prestar recomendações e esclarecimentos.

Estiveram presentes, por parte da Organização, os srs. Nuno de Brito e Cunha, Director Comercial da Cidla; Dr. Eduardo Pinto da Cruz, Director da Filial da Cidla no Porto; Afonso Pinheiro Torres, pela Delegação da Sacor no Porto; João de Almeida Campos, Chefe da Secção Comercial de Óleos da Cidla; Dr. Mário Pascoal, Carlos Alberto Machado, Manuel Pascoal e Manuel Santos Silva, Agentes Centrais da Cidla e da Sacor, em Aveiro; e Inspectores da Cidla e da Sacor. E, por parte dos convidados, encontravam-se também a assistir, entre outras pessoas, os srs.: Eng.º Garnier; João Macedo, empresário, Carlos Gomes Teixeira, gerente, e Comandante Joaquim Bela, da Indústria Aveirense de Pesca; Manuel Pascoal, empresário, e Eng.º António Pascoal, da Empresa de Pesca António Pascoal & F.es; Comandante Moreira Campos, da Empresa de Pesca Brites, Vaz & Irmão, Lda.; Comandante Ferreira da Silva, da Empresa de Pesca de Lavadores, Lda.; António Rodrigues da Madalena, da Parceria Marítima Esperança; Carlos Marques da Silva, da Empresa de Pesca de S. Jacinto, Lda.; Comandantes Silvério Conde Teixeira e Armindo Simões Ré; Oficiais Maquinistas Raul Ventura, Francisco Malaquias M. Lau, José Correia, Francisco Castro, Manuel Maria de Oliveira, Alfredo Martins de Matos, Afonso da Costa e Amadeu Couceiro.

Depois foi oferecido pela Direcção da Cidla um almoço a todos os presentes no restaurante «Estrela do Norte», em Esgueira, que pertence ao Posto de Abastecimento Sacor, naquela localidade.

O sr. Leonardo de Sousa e Vasconcelos, Chefe dos Serviços Técnicos da Cidla, quando pronunciava a sua palestra em Aveiro

Rodrigues & Figueiredo, Limitada

Secretaria Notarial de Aveiro

Segundo Cartório

Certifica-se, para efeitos de publicação, que por escritura de seis de Março de mil novecentos sessenta e dois, lavrada de folhas sete a folhas nove, verso, do livro número (A) — trezentos oitenta e oito para escrituras diversas do arquivo do Segundo Cartório Notarial de Aveiro, a cargo do Notário Dr. António Rodrigues, foi constituída uma sociedade entre Manuel Rodrigues e Daniel Garganta de Figueiredo, nos termos dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a firma «Rodrigues & Figueiredo, Limitada», tem a sua sede em Aveiro, e durará por tempo indeterminado, a contar de um do mês corrente.

2.º

O seu objecto é o comércio de mercearia e qualquer outro que os sócios resolvam explorar e para que não seja precisa autorização especial.

3.º

O capital social é de cinquenta e um mil escudos, inteiramente realizado em dinheiro, que corresponde à soma da quota de trinta e quatro mil escudos, pertencente ao primeiro outorgante, e da de dezassete mil escudos, pertencente ao segundo outorgante.

4.º

Não haverá prestações suplementares de capital, mas qualquer dos sócios poderá fazer à sociedade os suprimentos de que ela carecer, nas condições em que acordarem.

5.º

Todos os sócios serão gerentes, sem remuneração nem caução, e a sociedade será representada, em Juízo e fora dele, activa e passivamente, por qualquer deles.

§ ÚNICO

E' proibido aos gerentes usar a firma social em fianças, abonações, letras de favor e em quaisquer actos e documentos de interesse alheio.

6.º

A cessão total ou parcial de quotas é livremente consentida entre os sócios. As cessões a favor de estranhos ficam dependentes de expresso e prévio consentimento da sociedade, em primeiro lugar, e dos restantes sócios, em segundo lugar, aos quais, por esta ordem, fica conferido o direito de opção.

7.º

Sempre que a Lei não exija outras formalidades, as reuniões da Assembleia Geral serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios, com oito dias de antecedência.

8.º

O falecimento ou interdição de qualquer dos sócios não opera a dissolução da sociedade, podendo os seus herdeiros ou representantes continuar na sociedade, mas representados sòmente por um deles.

9.º

Os balanços e contas fechar-se-ão no dia trinta e um de Dezembro de cada ano. — Dos lucros líquidos apurados serão deduzidos cinco por cento para o Fundo de Reserva, sendo os restantes divididos pelos sócios na proporção das suas quotas.

E' certidão narrativa parcial que fiz extrair do próprio original a que me reporto e na parte omitida nada há que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

Aveiro, 7 de Março de 1962

O Ajudante da Secretaria Notarial,

Celestino de Almeida Ferreira Pires

Pescarias Beira Litoral, S. A. R. L.

Capital realizado: — 6 000 000$00

Rua da Liberdade, 10 — AVEIRO

ASSEMBLEIA GERAL

Primeira Convocatória

E' convocada a Assembleia Geral de «Pescarias Beira Litoral», sociedade anónima de responsabilidade limitada, com sede em Aveiro, para reunir, em sessão ordinária, às 15.30 horas do próximo dia 24 de Março, na sede do Grémio do Comércio, em Aveiro, com a seguinte

ORDEM DO DIA

a) — Discutir, aprovar ou modificar o Balanço e Contas e o Parecer do Conselho Fiscal respeitantes ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1961;

b) — Autorizar a Administração a proceder à venda do arrastão «Ilha São Jorge», com reserva do direito de construção de nova unidade para o substituir;

c) — Autorizar a Administração a contrair empréstimo do Fundo de Renovação e de Apetrechamento da Indústria da Pesca, até ao montante quatro milhões de escudos, para a construção de uma unidade de pesca destinada a substituir o «Ilha São Jorge», e a hipotecar, em garantia de tal empréstimo, a mencionada unidade a construir;

d) — Apreciar a proposta apresentada pelo Accionista Sr. Dr. Francisco José Rodrigues do Vale Guimarães para alteração dos artigos XI, XIII e seu § único, XVI, XIX e seu § único, XXIII, XXVI e XXIX dos Estatutos Sociais.

Segunda Convocatória

Se, por falta de comparência de número legal de Accionistas, a Assembleia Geral não puder funcionar na altura acima indicada, desde já fica convocada para novamente reunir no mesmo local pelas 16.30 horas do referido dia 24 de Março, com a mesma «ordem do dia», deliberando então com qualquer número de Accionistas.

Aveiro, 26 de Fevereiro de 1962

O Presidente da Mesa Assembleia Geral,

Diogo Francisco d'Affonseca Passanha

DESPORTOS

Continuações da última página

na recarga, a atirou contra o corpo de Bastos (24 m.).

A partida entrou, assim, em fase de grande interesse, de muita animação e de enormes dúvidas quanto ao seu desfecho.

Foi a altura da desdita cortar, sem remédio, as justas aspirações do *team* local. Dois lances foram o prenúncio do inêxito que viria a ganhar expressão numérica nos instantes iniciais da segunda metade.

Na realidade:

— Aos 32 m., quando ia a isolar-se, dentro da grande área, Garcia foi irregularmente travado por Vicente, que o segurou, quase sem se dar pela falta, mas de forma a descontrolar o fogoso argentino. Foi *penalty* claro — mas o árbitro, distante do lance, não considerou a falta.

— Aos 37 m., e após bom lançamento em profundidade, Garcia driblou Castro e derivou para a direita: José Pereira arrojou-se-lhe aos pés, e com tanta infelicidade para o futebolista beiramarense que saiu fortemente lesionado, tendo de ser retirado em braços do rectângulo, onde não mais regressou.

Assim — sendo-lhe negado excelente ensejo para desfazer o zero-a zero (*penalty*) e ficando privado do concurso do seu mais positivo dianteiro — o Beira-Mar sofreu dois rudes golpes, que feriram de morte, não só os jogadores como ainda parte do público...

Era reduzido o ânimo dos briosos futebolistas de *jersey* negro-amarelo quando regressaram do intervalo. E a assistência — ela também descrente e vencida... — não soube incitá-los nem ampará-los.

Surgiu, então, o golpe fatal: muito cedo, e com grande fortuna, o Belenenses passou a vencedor. E, em curto espaço de tempo (cerca de quinze minutos), o seu avanço cifrava-se já em três bolas...

Mais perturbados, mas sem nunca renunciarem à luta, os aveirenses jamais foram esclarecidos e jamais a sua réplica foi firme e de molde a equilibrar a contenda, o que é compreensível. O Belenenses — calmo e sem apreensões — conseguiu provar em Aveiro o seu bom momento actual, demonstrando que é real a recuperação do seu onze. Na fase final o seu domínio foi quase permanente — embora o Beira-Mar procurasse replicar sempre, em baldadas, esporádicas e pouco consistentes tentativas de alcançarem o seu ponto de honra.

Nomes em evidência: Valente, Evaristo, Bastos, Moreira, Garcia (enquanto actuou), Diego e Chaves (no período inicial) — no Beira-Mar; e Peres, Vicente, Carvalho, Yaúca, Rosendo e Castro — no Belenenses.

O árbitro pode ter decidido a sorte do jogo, quando perdoou o *penalty* em que o médio belenensista incorreu: havia zero-a-zero...

De resto, o trabalho do sr. Braga Barros foi aceitável.

REGISTO

II Divisão Nacional

● Marcas da jornada:

Torriense, 1 — Vianense, 0
Peniche, 1 — Braga, 1
Boavista, 0 — Oliveirense, 0
Espinho, 1 — Marinhense, 1
Sanjoanense, 2 — Caldas, 0
C. Branco, 2 — Vila Real, 0
Cernache, 2 — Feirense, 3

Único vencedor em campo estranho, e beneficiando ainda dos empates dos seus mais directos competidores, o Feirense aumentou o seu avanço.

A par desta nota, uma outra merece alusão especial: novamente batidos, os três últimos (Cernache, Caldas e Vila Real) dificìlmente se safarão desses incómodos postos, restando apenas que entre si condenem os dois grupos que descem automàticamente...

● Mapa da classificação:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P
Feirense	18	11	3	4	46-24	25
Marinhense	18	9	4	5	33-21	22
Espinho	18	7	8	3	32-20	22
Braga	18	9	4	5	28-18	22
Boavista	18	7	7	4	21-16	21
Sanjoanense	18	9	3	6	32-28	21
Peniche	18	7	5	6	34-21	19
C. Branco	18	7	4	7	24-31	18
Vianense	18	7	3	8	18-23	17
Oliveirense	18	7	3	8	19-27	17
Torriense	18	7	3	8	15-23	17
Vila Real	18	5	1	12	23-31	11
Caldas	18	3	4	11	12-34	10
Cernache	18	4	2	12	23-42	10

● *Jogos para amanhã* — Feirense — Torriense (0-1), Vianense — Peniche (0-3), Braga — Boavista (1-1), Oliveirense — Espinho (2-1), Marinhense — Sanjoanense (1-2), Caldas — Castelo Branco (0-3) e Vila Real — Cernache (2-3).

III Divisão Nacional

● Resultados do dia:

Lamas, 3 — Arrifanense, 0
Ovarense, 1 — Lusitânia, 1
Tirsense, 4 — Leça, 2
Vilanovense, 2 — Varzim, 1

● Tabela de classificação:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Vilanovense	7	6	—	1	16-6	12
Varzim	7	5	—	2	12-5	10
Leça	7	4	—	3	14-9	8
Lamas	7	4	—	3	10-13	8
Lusitânia	7	2	2	3	8-13	6
Arrifanense	7	2	1	4	9-14	5
Tirsense	7	2	—	5	12-14	4
Ovarense	7	1	1	5	6-13	3

● *Jogos para amanhã* (início da segunda volta) — Arrifanense — Lusitânia (2-2), Ovarense — Leça (1-3), Tirsense — Varzim (2-4) e Lamas — Vilanovense (0-3).

Provas Distritais

II Divisão

● Na terceira jornada, última da primeira volta, apuraram-se estes desfechos:

Anadia, 1 — Alba, 2 (na primeira parte, 1-1) e *Bustelo, 3 — Paços de Brandão, 1* (na primeira parte, 2-1).

● Classificação actual:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Alba	3	2	1	—	10-3	8
Bustelo	3	2	1	—	8-5	8
Anadia	3	1	—	2	6-5	5
P. Brandão	3	—	—	3	1-12	3

● *Jogos para amanhã* — Alba — Paços de Brandão (6-0) e Anadia — Bustelo (2-3).

Reservas

Feirense, o novo campeão!

Em Cucujães, na segunda mão da final do Campeonato Distrital de Reservas, apurou-se este desfecho:

Cucujães, 0 — Feirense, 1 (com 0-0, ao intervalo).

Desta forma, o Feirense, que tinha vencido por 2-0 no primeiro encontro, ficou campeão distrital.

Andebol de Sete

com a marca em 3-3. Nesta altura, o Avanca desperdiçou ainda dois *penalties*: Nunes rematou para fora, e Avelino atirou de forma que Gonçalo defendeu. Em remates com a bola a embater na madeira das balizas, os negro-amarelos ganharam pos 4-2...

Os dois *keepers* foram as figuras dominantes da partida: tanto Gonçalo como Alberto jogaram, efectivamente, em excelente plano.

A arbitragem foi imparcial e bem conduzida.

★ Outros resultados:

Atlético Vareiro, 20 — Sanjoanense, 10
Espinho, 5 — Escola Livre, 5
Amoníaco, 10 — Académica, 12

★ Concluiu-se, esta noite, a segunda ronda do torneio, com os jogos *Beira-Mar — Atlético Vareiro* (primeiramente anunciado para ontem), *Escola Livre — Amoníaco* e *Sanjoanense — Avanca*, respectivamente em Aveiro, Oliveira de Azeméis e S. João da Madeira.

Ontem, em Espinho — e porque, por acordo, os clubes inverteram a ordem dos seus jogos — defrontou-se o duo *Espinho — Académica*.

★ A terceira jornada efectua-se na terça-feira (jogos *Atlético Vareiro — Académica, Escola Livre — Avanca* e *Amoníaco — Sanjoanense*) e na quarta-feira (jogo *Espinho — Beira-Mar*).

Xadrez de Notícias

Manuel Lousada, de Santarém, foi designado para dirigir, amanhã, o jogo de futebol Sporting — Beira-Mar.

Hoje no Pavilhão dos Desportos do Porto, e amanhã, no Pavilhão dos Desporto de S. João da Madeira, realizam-se os jogos das duas mãos da eliminatória da Taça dos Campeões Europeus de Voleibol que opõe os campeões de Portugal (Sporting de Espinho) e da França (Stade Français).

Amanhã, na Barra, a Secção de Pesca da Sociedade Recreio Artístico promove o seu IV Concurso Inter-*-Sócios, em que serão disputados numerosos e valiosos prémios.*

O torneio encontra-se integrado no programa comemorativo do 66.º aniversário do Recreio Artístico.

O encontro de andebol de sete que hoje se realiza em Aveiro, entre o Beira-Mar e o Atlético Vareiro, principiará às 22 horas, disputando-se no futuro Pavilhão Desportivo do Beira-Mar (actualmente em construção no local do desaparecido tanque-piscina no popular clube citadino).

Amanhã, no Rinque do Parque, efectuam-se dois prometedores encontros de basquetebol: às 10 horas, Galitos — Sangalhos, em juniores; e, às 11 horas, Galitos — Vilanovense, da ronda inaugural do Campeonato Nacional da II Divisão.

A Associação de Andebol de Aveiro multou em 150$00 o Grupo Desportivo do Amoníaco Português, «por mau comportamento de parte do público para com a equipa de arbitragem» que dirigiu a partida Amoníaco — Académica.

CICLISMO

Amadores-juniores — 1.º — Manuel Luís da Costa, Ovarense, 1 h. 48 m. 2 s.; 2.º — Ramiro Sá Ferreira, Ovarense, m. t.; 3.º — Carlos Dias, Sangalhos, m. t.; 4.º — António Ferreira, Ovarense, 1 h. 49 m. 4 s.; 5.º — Alfredo Ferreira, Ovarense, m. t.; 6.º — Daniel Santos, Sangalhos, 1 h. 48 m. 27 s,; 7.º — Horácio Santos, Oliveirense, m. t.; 8.º — Mário Silva, Sangalhos, m, t.; 9.º — José Ferreira Melo, Ovarense, m. t.; 10.º — Armando Soares Reis, Ovarense, m. t.; 11.º — António Pereira, Sangalhos, 1 h. 49 m. 20 s.; 12.º — Manuel Cadima, Sangalhos, 1 h. 49m. 37 s.; 13.º — Amadeu José Silva, Sangalhos, m. t.; 14.º — João Borges, Ovarense, 1 h. 50 m. 28 s..

Desistiu Miguel Paiva Coelho, do Sangalhos.

Média do vencedor, num percurso de 62 kms. — 32,767 km./h..

Campeonato Distrital

Inicia-se amanhã a disputa do Campeonato Distrital da Associação de Ciclismo de Aveiro, que se completará com subsequentes corridas já marcadas para 18 e 25 do corrente mês de Março.

BASQUETEBOL

Campeonato Distrital de Infantis

ESGUEIRA — virtual campeão!

Mercê do seu magnífico êxito em Sangalhos, o Esgueira conquistou, virtualmenţe, o título da categoria de infantis, a duas jornadas do termo da competição.

● Resultados do dia:

Avanca, 15 — Amoníaco, 16

Sangalhos, 28 — Esgueira, 32

● Tabela classificativa:

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Esgueira	4	4	—	124- 87	12
Sangalhos	4	2	2	108- 89	8
Amoníaco	4	2	2	76-104	8
Avanca	4	—	4	70-106	4

● *Jogos para amanhã* — Amoníaco-Sangalhos (19-30) e Esgueira-Avanca (32-17).

BARCOS DE PAPEL

Continuações da terceira página

Novo remédio contra a Varíola

população é insuficiente para assegurar uma protecção real contra a doença, como de resto se demonstra pelo surto actual.

Uma vez que apenas uma pequena percentagem da população se pode considerar imunizada, é absolutamente necessário ter um grande cuidado com os viajantes que chegam do estrangeiro. A este respeito os métodos utilizados na Grã-Bretanha deixam muito a desejar, visto que não se exigiam certificados de vacina para permitir a entrada no país.

Acresce que a vacinação é apenas um método preventivo, pois serve para imunizar contra a doença, mas não serve para a curar, a não ser que o indivíduo seja vacinado um dia ou dois depois de ter sido contaminado. Ora, como o período de incubação da varíola é de cerca de duas semanas, torna-se possível que um indivíduo que tenha sido contaminado, seja vacinado alguns dias mais tarde (isto é tarde de mais para que a vacina possa ter efeito imunizante) e entre num novo país alguns dias antes da sua doença poder ser diagnosticada.

Foi, sem dúvida, isto o que aconteceu com os três indivíduos que, vindos do Paquistão, entraram na Grã-Bretanha durante o mês de Dezembro, visto que todos eles traziam atestado de revacinação.

O «Compound 33»

Uma vez que a varíola esteja diagnosticada, o médico moderno pouco mais pode fazer do que faziam os médicos de há 200 ou 300 anos, porque a varíola é uma virose e os antibióticos existentes não podem combater os vírus da varíola, embora possam evitar infecções bacteriológicas concomitantes.

Existe actualmente uma esperança (por enquanto não passa de uma esperança) de encontrar um remédio anti-variólico realmente eficaz. Há cerca de dezoito meses, um grupo de investigadores médicos que trabalham nos Laboratórios de Medicina Tropical Wellcome, de Londres, publicou na Revista médica «The Lancet» os resultados de certas experiências levadas a cabo contra o vírus da varíola. Estas experiências tinham sido executadas em ratos, animais estes que normalmente não contraem a varíola, mas que podem ser contaminados artificialmente. Depois de injectarem um caldo de cultura pouco concentrado no cérebro dos ratos, injectaram algumas horas depois um produto a que deram o nome de «Compound 33» ou seja o N-Etilisctinbeta-tiosemicarbozona. Os resultados foram extraordinários. Em 118 ratos injectados com o «Compound 33», 108 sobreviveram sem o menor sinal de doença, isto é, uma percentagem de 90%. Apenas 10 morreram. Em 80 ratos que serviram de controle, isto é, que foram contaminados mas não tratados 60 morreram e 12 contraíram cefalite.

Assim, pois, o novo remédio deu as suas provas sobre animais; mas ainda não foi ensaiado em larga escala em seres humanos de forma a que se possa chegar a conclusões definitivas.

«Piezoelectrics»

suportes de agulha dos gira-discos, serão, brevemente apresentados comercialmente em aparelhos para acender fogões a gás e, nos motores dos automóveis, para substituir a centelha no circuito de ignição. No primeiro caso, um simples gatilho exercendo pressão sobre o cristal produz 20 000 volts e uma centelha mais que suficiente para acender o gás. Não tem baterias sujeitas a deterioração e não é afectada pela humidade. No segundo caso, em lugar da bobina de ignição, o cristal receberá pressão directamente da bomba ejectora produzindo-se a centelha no momento preciso. Finalmente com os piezoeléctricos podem-se montar dispositivos denunciadores de gatunos e capazes de dar alarme até se um ratinho entrar na sala. Não precisa de fios e são sensíveis ao menor ruído. Em diversos bancos de Londres, já existem estes dispositivos.

Uma vitória de Von Rommel

armadilha que o génio de Rommel lhes armara. Milhares e milhares de granadas de todos os tipos e calibres choviam sobre os carros britânicos. Sob este dilúvio de ferro e fogo os tanques foram saltando um a um. Muitos das melhores guarnições inglesas pereceram ali, horrorosamente queimadas.

Quando os restos dos blindados conseguiram sair daquela armadilha diabólica, estavam reduzidos a umas escassas dezenas.

Então, entraram em acção os tanques alemães.

Apesar de toda a sua bravura e tenacidade, os remanescentes dos tanques ingleses foram ràpidamente eliminados pelos magníficos veteranos do Afrika Korps. O dia 13 de Junho de 1942 foi, na verdade, um dia fatídico para os tanques britânicos.

Derrotados, os ingleses retiraram para o Egipto, evitando uma derrota decisiva. Von Rommel triunfara mais uma vez.

Mas a luta ainda não terminara...

Cunha Redondo

DES POR TOS

Secção dirigida por ANTÓNIO LEOPOLDO

Campeonato Nacional da I Divisão

ARQUIVO DA PROVA

Resultados gerais:

Benfica, 4 — Académica, 2
Lusitano, 3 — Covilhã, 0
Porto, 4 — Olhanense, 0
Atlético, 7 — Salgueiros, 0
C. U. F., 2 — Leixões, 1
Guimarães, 1 — Sporting, 3
Beira-Mar, 0 — Belenenses, 3

Se os beiramarenses tivessem vencido o difícil escolho que se lhes deparou no domingo, com a visita do Belenenses, bem se poderia afirmar que o Domingo Gordo tinha sido um autêntico «Dia do Beira-Mar», no que respeitava à tão ambicionada fuga dos aveirenses à zona de perigo.

É que, efectivamente, todos os companheiros de inquietação dos negro-amarelos perderam — e, a registar-se o êxito a que aludimos, o Beira-Mar teria dado grande e firme passo para se libertar do penúltimo posto. Mas, teimosamente, o azar anda de braço dado com a turma de Aveiro; e as novas contrariedades verificadas no domingo (perda do encontro e perda de Garcia) constituem mais motivos de preocupação — certo como é que cada vez se torna mais difícil e ingrata a recuperação que todos desejamos.

A jornada, nos restantes prélios, não trouxe surpresas: venceram os mais cotados, os grupos da metade superior da tabela.

Assim, sem qualquer nota digna de especial referência, limitamo-nos a indicar a ordenação actual dos concorrentes na tabela classificativa:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Sporting	18	13	4	1	44-11	30
Porto	18	13	3	2	35- 9	29
Benfica	18	11	4	3	50-28	26
Atlético	18	9	3	6	34-23	21
Belenenses	18	8	4	6	36-26	20
C. U. F.	18	8	4	6	23-22	20
Lusitano	18	8	2	8	26-25	18
Académica	18	7	2	9	34-36	16
Olhanense	18	5	5	8	23-31	15
Covilhã	18	5	4	9	21-28	14
Leixões	18	6	2	10	29-45	14
Guimarães	18	5	3	10	28-33	13
Beira-Mar	18	3	4	11	24-46	10
Salgueiros	18	2	2	14	15-59	6

SPORTING CLUBE DE PORTUGAL o próximo adversário do BEIRA-MAR

O encontro com o Belenenses, tão importante para as aspirações aveirenses, teve duas partes absolutamente distintas: até à lesão de Garcia, e depois desta. Na primeira dessas partes, o Beira-Mar foi o que se pode chamar uma equipa, jogando numa toada de parada e resposta, acautelando a defesa e partindo para o contra-ataque numa passada larga e rápida. Jogou, neste tempo, de igual para igual contra um Belenenses que actuava em bom plano, sôfrego também dum bom resultado. Depois da lesão de Garcia, a dúvida acabou aí. Sentia-se qee não seria possível resistir, tal como aconteceu. O pensamento do espectador era o pensamento dos atletas, e o adversário sabia-se ter valor para aproveitar a vantagem.

Os aveirenses perderam a alegria, o que afectou a vontade, e perderam o jogo lògicamente. Para cúmulo, a lesão de Garcia correspondeu ainda à perda dum golo dos chamados «feitos» e o Beira-Mar, nesse lance de tão triste recordação, sai de possível vencedor a vencido sem qualquer remissão, pois o encontro acabou aí. O resto, era fácil porque tinha de ser fácil. Perdeu-se o encontro, e, para já, perdeu-se ainda o atleta — e tudo isso é perder muito.

O próximo encontro frente ao Sporting, é daqueles que não dão margens para muita esperança. Lògicamente, os leões vencerão folgadamente, como resultado do seu melhor conjunto. Jogam para o título, e não deixarão escapar a oportunidade de marcar mais dois pontos. Eles sabem também que não há jogos fáceis, e o que custa enfrentar uma equipa desesperada: por isso não é de esperar o excesso de confiança que trai muitas vezes as melhores equipas. Ao Beira-Mar, será de pedir um comportamento honroso, que lute com valentia e dignidade e que não se apresente em campo vergado e já vencido. As contrariedades são muitas, o moral é natural que esteja afectado, mas o querer às vezes pode imenso. Tanto ou tão pouco que até certas derrotas têm sabor de vitória.

F. E. Dias

Andebol de 7

CAMPEONATO DISTRITAL

Avanca, 3 — Beira-Mar, 6

Sob arbitragem do sr. Albano Baptista, os grupos apresentaram:

AVANCA — Alberto (ex-Atlético Vareiro); Avelino, Vítor Sousa 1, Nunes 1, Domingos, José Neves e Pombo 1. *Supls* — Fernandito e Moisés.

BEIRA-MAR — Gonçalo; Machado 2, Agostinho 1, António Cerqueira, Gamelas, Domingos Cerqueira 1 e Picado. *Supls.* — Pompílio 1 e Paulo 1.

O jogo foi muito prejudicado, no campo técnico, pelo mau estado do terreno e ainda pelo nervosismo de muitos jogadores — quer avancanenses (para quem um êxito, na ronda de abertura, sobre o campeão da época finda, seria excelente começo e magnífico incentivo), quer aveirenses (estes com um *team* rejuvenescido pela entrada de alguns ex-juniores mas ainda pouco afinado no seu conjunto).

Ao entusiasmo dos locais, que por vezes se excederam — o que determinou expulsões temporárias de Domingos, Nunes e Pombo —, replicaram os beiramarenses com serenidade e muita prudência.

E assim é que, mercê da sua melhor preparação atlética — bem evidente no derradeiro período do encontro —, puderam os aveirenses garantir um êxito precioso e merecido, tanto mais quanto é certo que foi laboriosamente e penosamente alcançado.

Registo dos golos:

0-1, Machado; 1-1, Vítor Sousa; 2-1, Pombo; 3-1, Nunes; 3-2, Agostinho; 3-3, Pompílio; 3-4, Paulo; 3-5, Domingos Cerqueira; 3-6, Machado.

Ao intervalo, o Avanca ganhava por 3-2.

De salientar que foram anulados golos obtidos pelos beiramarenses Picado e Machado, respectivamente com o *score* em 1-2 e 5-5, e pelo avancanense Fernandito,

Continua na página 9

Basquetebol

CAMPEONATO NACIONAL DA II DIVISÃO

Começa amanhã a ser disputado, nas subséries nortenhas, o Campeonato Nacional da II Divisão.

As partidas da ronda inaugural são estas:

SUBSÉRIE A-1

Centro Universitário — Sport, Vasco da Gama — Olivais e Galitos — Vilanovense.

SUBSÉRIE A-2

Leça — Esgueira, Sangalhos — Guifões e Fluvial — Sporting Figueirense.

Campeonato Distrital de Juniores

● Na penúltima ronda do torneio, registaram-se estes desfechos:

Cucujães, V. — Recreio, D.

Galitos, 77 — Illiabum, 32

1.ª parte: 23-8. 2.ª parte: 54-24.

● Tabelas classificativas:

Zona Norte

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Cucujães	3	2	1	52-58	7
Sanjoanense *	3	2	1	109-32	6
Recreio *	4	1	3	42-89	5

* Têm uma falta de comparência

Zona Sul

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Galitos	3	3	—	170-79	9
Sangalhos	3	2	1	130-98	7
Illiabum	4	—	4	102-225	4

● Jogos para amanhã: *Cucujães - Sanjoanense (23-40) e Galitos - Sangalhos (44-13).*

Continua na página 9

Ciclismo

II Prova de Preparação

Com ciclistas dos seus três clubes filiados, a Associação de Ciclismo de Aveiro fez disputar, no último domingo, a sua anunciada *II Prova de Preparação*, nos percursos que na semana finda indicámos.

Tanto os independentes como os amadores-juniores saíram de Ovar, onde igualmente estava instalada a meta final.

Obtiveram-se os seguintes resultados:

Independentes — 1.º Fernando Henriques da Silva, Sangalhos, 3 h. 27 m. 17 s. 2.º — Carlos Alberto Pires, Oliveirense; m. t ; 3.º — João Gomes, Ovarense, m. t.; 4.º — Miguel Marques, Oliveirense, m. t.; 5.º — Jacinto Oliveira, Ovarense, 3 h. 21 m. 28 s.; 6.º — Artur Carreira, Sangalhos, m. t.; 7.º — Fernando Cerveira, Oliveirense, m. t.; 8.º — Laurentino Mendes, Ovarense, 3 h. 31 m. 55 s.; 9.º — David Sousa, Sangalhos, 3 h. 32 m. 10 s.; 10.º — Manuel Amorim, Ovarense, 3 h. 33 m. 31 s.; 11. — Evaristo Almeida, Ovarense, m. t.; 12.º — António Oliveira, Ovarense, m. t.; 13º — Fernando Simões, Oliveirense, 3 h. 35 m. 14 s..

Desistiram: Manuel Grade, do Sangalhos, e Carlos Simão, do Oliveirense.

Média do vencedor, num percurso de 120 kms. — 35,313 km/h..

Continua na página 9

Domingo... Gordo de Azares!

Beira-Mar, 0 - Belenenses, 3

A'rbitro — Braga Barros. *Fiscais de linha* — Carmo Santos (bancada) e Saldanha Ribeiro (peão), todos da Comissão Distrital de Leiria.

BEIRA-MAR — Bastos; Valente, Liberal e Moreira; Evaristo e Jurado; Calisto, Garcia, Diego, Chaves e Azevedo.

BELENENSES — José Pereira; Rosendo, Paz e Castro; Cordeiro e Vicente; Yaúca, Carvalho, Vítor Silva, Matateu e Peres.

0-1, aos 48 m., em golo de CARVALHO. Em troca momentânea com Peres, Vítor Silva fugiu, pela esquerda, até à linha final, donde tocou a bola para aquele seu colega. Este, muito lesto, cruzou o esférico, que encontrou Carvalho bem desmarcado, na extrema direita. E o interior dos azuis teve apenas que meter a cabeça à bola, dando-lhe o caminho das redes...

0-2, aos 57 m., em golo de YAÚCA. Em novo lance de Peres, desta vez com o médio Vicente, a bola foi lançada em profundidade para o número 7 do Belenenses, então a actuar na zona frontal. Liberal fez-se ao lance e falhou, espectacularmente, o corte — permitindo que o veloz *colored* lisboeta, em rápido *sprint*, se isolasse. Bastos saiu da área, mas Yaúca driblou-o, atirando depois para as redes desguarnecidas.

0-3, aos 63 m., em golo de VÍTOR SILVA. Numa rápida fuga pelo seu sector, Peres centrou, perto já da linha de cabeceira; na passada, entre Liberal e outro beiramarense, o dianteiro-centro belenensista atirou sem defesa.

●

Mal a partida começou, foi visível a disposição do Beira-Mar pretender surpreender o Belenenses com um golo que o encaminhasse pela rota do êxito de que tanto precisava.

Atacando com ímpeto e muita velocidade e rematando com frequência, os locais forçaram os azuis a cuidar com atenção da defensiva. Calmos e confiantes nos seus recursos, os visitantes (com apertada e implacável vigilância sobre os *arietes* beiramarenses) puderam aguentar a turma de Aveiro, não permitindo que ela traduzisse em golos a sua franca e total superioridade da primeira vintena de minutos — em que apenas conquistou quatro *corners*...

●

Veio, naturalmente, um lapso de tempo em que os negro-amarelos obrandaram o seu endiabrado ritmo de jogo. E, desde logo, a partida passou a ser disputada taco-a-taco — já que os jogadores do Belenenses começaram a vir mais frequentes vezes ao ataque, sobretudo depois do lance em que Yaúca rematou a bola contra o poste e Matateu,

Continua na página 9

A LESÃO DE GARCIA

A gravura que ao lado se publica assinala o momento exacto em que se decidiu a sorte do Beira-Mar-Belenenses: — em choque ocasional com José Pereira, keeper dos azuis, o perigoso dianteiro beiramarense Garcia vai cair no terreno, fortemente lesionado na perna esquerda. Foi o azar de Garcia — e foi o azar do Beira-Mar — a decidir a sorte do jogo...

Ao lado, o massagista João Rodrigues presta os primeiros socorros ao fogoso jogador argentino, ainda dentro do rectângulo. Posteriormente, observado no Porto pelo Dr. Sousa Nunes, Garcia tem-se mantido em absoluto repouso. Diagnóstico: na melhor das hipóteses, rotura de ligamentos; na pior, fractura do menisco. Em qualquer caso, porém, Garcia terá de se manter inactivo, pelo menos, durante um mês. É o azar do futebolista... é o azar do Beira-Mar...